

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

JÚLIA PELLIZZARI DE MATTOS

**COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM REDE:**  
**um estudo sobre a Associação Cultural Paralela**

Porto Alegre  
2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Júlia Pellizzari de Mattos

**COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM REDE:**  
**um estudo sobre a Associação Cultural Paralela**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

Porto Alegre  
2015

JÚLIA PELLIZZARI DE MATTOS

**COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM REDE:  
um estudo sobre a Associação Cultural Paralela**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social Habilitação Jornalismo.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Vera Regina Schmitz  
Orientadora

---

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo  
Examinador

---

Prof. Ms. Leonardo Feltrin Foletto  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os caminhos que me trouxeram a esse momento;

Especialmente a Vera Regina Schmitz pela calma, bom humor, ajuda, incentivo, disponibilidade;

À Vólia Dias Silveira, pela companhia, pelas provocações pensantes, pelas boas dicas e pelos doces incentivos no fim do dia;

A todos os desafios práticos, teóricos, existenciais dos últimos seis anos, e assim agradeço à Iana Scopel, que compartilhou muitos deles comigo;

Aos amigos e amigas que compartilham o fluxo comunicacional da vida e contribuíram muito na construção dessa monografia: Júlias Zortéa e Gonçalves, Luciano Viegas, Alvin Bernardi, Matheus Lincke, Maurício Pflug;

Aos amigos irmãos que estiveram próximos e com quem dividi momentos importantes nesse tempo de respirar fundo e seguir caminhando: Liange Araújo, Dirce de Christo, Dani Casali, Mel Sementes, Lucas Leite, Gabriel Gutierrez, Nanda Amado, Diogo Maestri, Ana Maria.

À Francisca Dilger e Gerhild Schiller pelas trocas, pelo carinho, por escutarem e ajudarem a simplificar a complexidade da minha cabeça;

A tudo e todos que compõem e colocam a mão na massa pra construir essa ideia que explode vida chamada Paralela, especialmente ao Leonardo por acreditar que é fazendo que se faz, e ao Vicente;

Agradeço muito à minha mãe, Adélia, ao meu pai, João, à Dinda, ao Léo e à Karen por todo o apoio, pelo amor incondicional da vida inteira e por me ajudarem no cultivo da utopia.

## RESUMO

Essa monografia tem o objetivo de investigar como a comunicação em rede produz novas formas de organização e relação social e como esse cenário contribui para a produção de subjetividades na Associação Cultural Paralela, espaço de produção de cultura e arte em Caxias do Sul. Para isso, foram estudadas formas de organização política, econômica e de trabalho que funcionam e se desenvolvem conjuntamente com as tecnologias digitais de comunicação, principalmente a rede social na internet. Partindo desse cenário contemporâneo, abordam-se, teoricamente, aspectos que influenciam na produção de subjetividade dos indivíduos e grupos. Então, através da análise de conteúdo de entrevistas e da observação de uma reunião, foi desenvolvido um estudo de caso, em que se destacam várias escalas de comunicação e organização em rede, gerando condições para um deslocamento de valores em curso e para a ressingularização, a partir dos quais são produzidas subjetividades.

**Palavras-chave: Comunicação em rede; Produção de subjetividade; Associação Cultural Paralela; Tecnologias digitais de comunicação; Ressingularização.**

## **ABSTRACT**

This monograph intends to investigate in how far network communication produces new forms of communication and relationships and how this scenario contributes to the production of subjectivity in the Associação Cultural Paralela, a venue of culture and art in Caxias do Sul, in southern Brazil. Therefore different forms of political organization, economy and work force were studied. Which work and develop together with digital technologies of communication, especially the social network in the internet. Starting from this modern day scenario, approaching, theoretically, aspects that influence the production of subjectivity of individuals and groups. Thus, with the analysis of the contents from interviews and the observation of a meeting, a case study was developed in which different levels of communication and organization in the network were highlighted thus creating conditions of displacement of current values and for a resingularization which creates subjectivities from there.

**Key words: Communication in networks; Production of subjectivity; Associação Cultural Paralela; Digital technologies of communication; Resingularization.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Representação da cidade de Königsberg. ....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 2 - Flyer do Bazar do Amor .....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 3 – Flyer do Festival de Cinema (Des)gramado .....</b>	<b>51</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 ECONOMIA, POLÍTICA E TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	<b>12</b>
2.1 Coworking .....	13
2.2 Prossumidores .....	16
2.3 Economia criativa .....	19
2.4 Redes de cooperação solidária.....	21
<b>2 COMUNICAÇÃO EM REDE</b> .....	<b>24</b>
3.1 Redes sociais.....	25
3.1.1 Atores.....	27
3.1.2 Conexões .....	28
3.1.3 Dinâmicas das redes sociais na internet .....	29
3.1.4 Redes sociais emergentes.....	30
3.2 Subjetividades em rede .....	31
3.2.1 Novas referências e a questão da identidade.....	32
3.2.2 Desterritorialização .....	33
3.2.3 Novos universos de valor.....	34
3.2.4 Coletivos inteligentes .....	37
<b>4 METODOLOGIA E A ASSOCIAÇÃO CULTURAL PARALELA</b> .....	<b>41</b>
4.1 Procedimentos metodológicos.....	41
4.1.1 Estudo de caso.....	42
4.1.2 Pesquisa bibliográfica.....	43
4.1.3 Pesquisa documental .....	44
4.1.4 Entrevista .....	44
4.1.5 Observação simples não participante .....	45
4.1.6 Análise de conteúdo .....	46
4.2 A Associação Cultural Paralela.....	47
4.2 Reflexões e análises.....	52
4.2.1 Comunicação.....	53
4.2.2 Meio virtual.....	58
4.2.3 Prática/conteúdo .....	60
4.2.4 Impressões sobre o ambiente .....	64



<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A evolução e disseminação das tecnologias digitais de comunicação, cada vez mais acessíveis e em dispositivos menores, traz mudanças que modificam a comunicação de forma estrutural. Soma-se a esse fator, um momento de descrença em modelos econômicos, políticos e de formas de trabalho vigentes na sociedade contemporânea, a qual Guattari (2001) denomina Capitalismo Mundial Integrado, um sistema que opera sem fronteiras e no qual as estruturas produtoras de bens e serviços tendem a se desdobrar, cada vez mais, em estruturas produtoras de subjetividades.

O termo Capitalismo Mundial Integrado compreende o modo capitalista que opera criando valor a partir do conhecimento e da informação. O que se destaca é o grande desenvolvimento de tecnologias simultaneamente à incapacidade de apropriação delas com fins que sirvam à espécie humana de modo geral. Dessa forma, as pessoas e espaços que trabalham com produção cultural vivem um momento singular, em que passam a se apropriar de dispositivos como celulares, câmeras, impressoras, e de plataformas, como redes sociais, e assim alcançam certa autonomia no modo de operação.

A Associação Cultural Paralela (ACP), de Caxias do Sul, é um dos espaços que nasce e se desenvolve nesse cenário, visando ao fomento de iniciativas criativas e artísticas em geral, com forte enfoque na música autoral produzida na cidade, mas em expansão constante para as mais diversas áreas, entre elas cinema, moda, artes gráficas, permacultura e outras. O espaço se propõe também a receber artistas e produtores de outras cidades, em um sistema de hospedagem solidária.

A comunicação entre quem participa da produção das atividades acontece em rede, tanto no espaço virtual, através da rede social, quanto no espaço físico, em que se observa a adoção de algumas estratégias de organização que também funcionam na lógica reticular, como o *coworking* e as redes de cooperação solidária. Dessa comunicação emerge a produção de subjetividade, que começa a modificar algumas formas de existência do Capitalismo Mundial Integrado, em um processo de ressingularização (GUATTARI, 2001).

Esses modos de organização, comunicação e produção de subjetividade se baseiam em um sistema de valores que se desloca, passando a priorizar relações mais colaborativas, reticulares, que expressem as singularidades que os compõem. O objetivo desta pesquisa é entender como a comunicação em rede produz novas formas de organização social e como esse cenário contribui para a produção de subjetividade. O foco do estudo é a rede que se

forma entre os associados da ACP, que serve como base para uma rede que extrapola seus limites, formada por produtor-artista-público, os quais já não se diferenciam tão claramente. Os objetivos específicos da pesquisa são relacionar formas de gestão organizacional com a produção de informação e comunicação, abordando a questão das redes sociais na internet; compreender as ideias de "produção de subjetividade" e "inteligência coletiva"; perceber como a rede que se estabelece entre os produtores da Associação Cultural Paralela se estrutura a partir da gestão política e econômica e das dinâmicas de trabalho e como as tecnologias digitais de comunicação são utilizadas nesse sentido; analisar como a rede contribui para a produção de subjetividades.

Essa rede se forma na composição entre real e virtual e contribui com o desenvolvimento e surgimento de inúmeras iniciativas artísticas e culturais, que se difundem para vários espaços da cidade, formando novos públicos e contribuindo com o movimento da cidade. Essa movimentação cria novos espaços de interação e comunicação, em um processo de retroalimentação, em que a estrutura de rede se manifesta em várias escalas. Busca-se responder às questões: como a Associação Cultural Paralela se comunica para propagar a existência da rede que se forma? Como a rede contribui para a produção de subjetividades dos indivíduos e coletivos envolvidos?

Para isso, no segundo capítulo do trabalho, serão investigadas as ideias organizacionais que permeiam o funcionamento da Associação, tais como o modo de trabalho baseado no *coworking* (BARBOSA, 2012; LEFORESTIER, 2009), o enfraquecimento da fronteira entre artista, produtor e público simultaneamente ao fortalecimento da relação entre eles, a partir do conceito de prossumidores (TOFFLER, 1980; TAPSCOTT, 2007; MOTTA, 2012), a proposta da economia criativa (RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA DAS NAÇÕES UNIDAS, 2010; MACHADO, 2009) para a criação de condições que permitem a continuidade das atividades e as redes de cooperação solidária (MANCIE, 2009), que surgem como estratégia de organização.

No terceiro capítulo, a comunicação é pensada segundo o viés de comunicação reticular de Rodrigues (2001), a partir da qual se passa ao estudo das redes sociais na internet, tendo em vista que elas são a principal plataforma de comunicação utilizada entre os participantes da associação. Passa-se, então, à exploração da teoria da inteligência coletiva, de Pierre Lévy (1998), em um movimento dialético, que visa aproximações e distanciamentos das propostas de Félix Guattari (2001), que tratam da produção de subjetividades e seus desdobramentos, ambos estudos emergentes das perspectivas que nascem com as novas tecnologias digitais de comunicação.

Essa investigação se dará por metodologias exploratórias e qualitativas, através das quais será desenvolvido um estudo de caso, levando em conta que o processo em questão se desenrola em vários pequenos espaços ao redor do mundo, como a Casa Paralela. Os dados foram coletados através de entrevistas e da observação direta não participante de uma reunião presencial da Associação. A partir da observação, foram definidos quatro categorias de análise, a partir das quais lança-se um olhar sobre o todo, visto de diferentes pontos de vista, levando em conta a complexa integração entre os fatores que a abordagem de redes propõe (RECUERO, 2014). Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo.

O quarto capítulo traz a abordagem metodológica detalhadamente, além da contextualização da Associação Cultural Paralela (seu histórico, formação, composição atual, relevância, plataformas de comunicação utilizadas), e, por fim, é feita a análise conforme a metodologia proposta.

Com esses elementos, busca-se uma abordagem que contemple a complexidade do objeto de pesquisa, que nasce e se desenvolve em meio a uma mudança de paradigma na comunicação, que modifica de diferentes formas o funcionamento social como um todo.

## 2 ECONOMIA, POLÍTICA E TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

As formas como uma instituição se organiza internamente no sentido político, econômico e de trabalho são importantes fatores para se pensar a comunicação da organização, especialmente quando essas dinâmicas acontecem junto ao desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que estabelecem novos paradigmas para as relações comunicativas. Bretas (2012) diz que as redes sociais mediadas pela telemática possibilitam “a liberação das emissões para os indivíduos dentro e fora das tradicionais corporações de mídia” (BRETAS, 2012, p. 52), promovendo uma desinstitucionalização de processos comunicativos.

A comunicação deixa de ser de um para muitos e se torna de muitos para muitos, criando conexões que se estruturam na lógica de rede. Política, economia e trabalho acompanham esse movimento, assimilando valores de colaboração, autonomia e horizontalidade. Rodrigues (2001) chama essa atual constituição de “formas de sociabilidade reticular”, que se caracteriza pelo valor de conexão com o sistema de informação. O autor explica que, desde a Antiguidade, haviam redes de relações sociais que influenciavam outros povos a distância.

Hoje, porém, a integração destas formas de sociabilidade reticular num sistema técnico próprio convertem-na na forma privilegiada de organização do espaço público, a ponto de se ter já tornado na forma de mediação e de visibilidade do conjunto de nossas relações sociais, sobrepondo-se assim às relações de vizinhança, de convívio directo e imediato, de participação na vida pública e até de trabalho. Paradoxalmente, as relações sociais são já hoje tanto mais directas, no quadro da formas de sociabilidade reticular, quanto mais mediatizadas forem (RODRIGUES, 2001, p. 125-126).

Uma maior conexão e interdependência levam a repensar noções de território, pertencimento e construção de identidade. Além disso, a facilidade proporcionada pela comunicação mediada por computador traz novas perspectivas para grupos que trabalham de forma alternativa, já que encurtam a distância entre coletivos com interesses em comum (RECUERO, 2014), podendo dar origem a uma articulação em rede.

Assim, a produção cultural independente se serve imensamente de instrumentos e tecnologias que se tornaram amplamente acessíveis nos últimos anos, como câmeras, impressoras, computadores e celulares para criar maneiras de tornar sustentáveis<sup>1</sup> as atividades que são não somente de trabalho, mas, principalmente, de produção e expressão da

---

<sup>1</sup> O termo sustentável é utilizado no sentido de “dar sustento”, e não como conceito desenvolvido com maior profundidade pelos movimentos ambientalistas.

subjetividade dos indivíduos. A descrença nas ideias de trabalho como atividade puramente econômica, na democracia representativa, na economia de mercado são fatores relevantes para compreender as formas de organização que vem se construindo na prática.

Serão abordadas, neste capítulo, propostas de organização social que surgem nos últimos anos, como o *coworking*, que surge como um espaço de trabalho compartilhado e assim suscita relações sociais mais colaborativas; a ideia de prossumidores, que abrange novas relações de produção e consumo, levando em conta a natureza comunicativa dos produtos e, assim, deslocando também a noção de emissor-receptor das mensagens; nessa linha de pensamento, desenvolve-se também o conceito de economia criativa, que aprofunda ideias sobre como o pensamento econômico se adapta nesse momento em que a criação de valor se baseia na informação e no conhecimento; por fim, desenvolve-se a ideia de redes de cooperação solidária, que abrange aspectos políticos, econômicos e de trabalho em uma estratégia que se estrutura em rede.

## 2.1 Coworking

O termo *coworking* designa um tipo de organização de trabalho em que diferentes pessoas, empresas, coletivos, projetos compartilham o espaço físico e, eventual, mas não necessariamente, materiais de trabalho. Para Leforestier (2009) esses espaços consistem no aluguel de um local que serve como escritório por períodos flexíveis de tempo, em que os envolvidos podem interagir e compartilhar seus talentos, gerando um espaço de convivência criativa e a criação de redes. Esse espaço se baseia em valores como participação, compartilhamento e mente aberta (LEFORESTIER, 2009, p. 3).

O termo nasceu em São Francisco, nos Estados Unidos, no início dos anos 2000, e logo se popularizou, principalmente entre trabalhadores independentes e microempresas. Segundo Barbosa (2012), os espaços de *coworking* são formados por pessoas que trabalham em diferentes áreas de conhecimento, em diferentes projetos, com horários e ritmos diferentes. O que é compartilhado é o espaço laboral.

O *coworking* também surge como uma alternativa ao que é conhecido como *home office*, em que o espaço de trabalho e de atendimento a clientes funciona na própria casa do profissional. (BARBOSA, 2012; LEFORESTIER, 2009). O modelo é adotado por pessoas que buscam um ambiente mais criativo do que o corporativo (LEFORESTIER, 2009), e, ao mesmo tempo, sem o isolamento e as distrações proporcionados pelo *home office*. Pensando em custos, o modelo também é vantajoso, já que são repartidos o aluguel e o uso de materiais

como impressoras e materiais de cozinha. Além disso, formam-se comunidades que aceleram e potencializam a criação e os negócios.

A ideia extrapola um modelo de trabalho no momento em que se pensa sobre as novas formas de convivência que são propostas, o que traz também novos desafios. Uma pesquisa realizada pelo Global Coworking Blog<sup>2</sup>, em 2007, com 120 pessoas que trabalham nesses espaços avaliou a importância dada pelos envolvidos a alguns critérios relativos ao uso do espaço. Atmosfera, sentimento de comunidade, ambiente colaborativo, localização, oportunidades de formação de rede foram os que receberam maiores índices de importância, em ordem decrescente. Os últimos da lista, também decrescentemente, foram segurança, acesso 24 horas, espaço de eventos, privacidade e espaço personalizado.

Percebe-se que há o interesse em buscar espaços onde seja permitido exercer a singularidade na maneira de trabalhar, simultaneamente à vontade de desenvolver o convívio coletivo. Para Leforestier (2009), a tendência que se vê ao pensamento comunitário é fomentada por sites como MySpace, Flickr e Youtube. Esses sites surgem também no início do milênio e se caracterizam por um plano de negócios centrado na rede social que permite o compartilhamento de informações, vídeos e fotos com pessoas que têm interesses em comum. “O *coworking* é um exemplo de que as relações on-line podem se traduzir em interações face-a-face: é uma rede social no espaço de encontro”<sup>3</sup> (LEFORESTIER, 2009, p. 6).

A autora também destaca que os espaços de *coworking* contam com alguma página de fácil e rápida interação e edição *on-line* para que todos possam receber em tempo real informações relativas ao espaço. Uma ferramenta bastante utilizada com esse fim é o Google, que oferece acesso gratuito a serviços como agenda, conta de e-mail, planilhas, entre outros. Essas ferramentas são utilizadas não só de forma instrumental, mas também têm um viés ideológico, buscando incentivar as iniciativas de código aberto, por exemplo (LEFORESTIER, 2009). É perceptível a contradição que existe nesse ponto, quando são utilizadas ferramentas de uma megacorporação na construção de ideias que buscam incentivar uma atuação mais horizontal. Esse incentivo, justamente, vem no sentido de criar condições para que as novas formas surjam e se desenvolvam, mas ainda utilizam instrumentos não tão livres ou abertos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://blog.coworking.com/the-results-of-the-coworking-survey/>>. Acesso em: 04 Set. 2015.

<sup>3</sup> Traduzido pela autora do original: “The co-working is an example that the online relationships can translating into face-to-face interactions: it’s social networking in meatspace” (LEFORESTIER, 2009, p. 6).

Trabalhar em um espaço de *coworking* não se resume ao desenvolvimento dos projetos pessoais. Geralmente não há funcionários que trabalham para manter a estrutura física, isto é, limpeza e manutenção. As atividades fazem parte do cotidiano de quem lá trabalha. Nesse sentido, é importante abordarmos a ideia de autogestão.

Segundo Albuquerque (2003), há diferentes significados atribuídos ao termo autogestão, no entanto, há duas determinações que são essenciais. A primeira é a superação da distinção entre quem toma a decisão e quem executa o que foi decidido. A segunda é a autonomia decisória de cada unidade de atividade, isto é, a aproximação entre a vontade e o ato do sujeito ou coletividade que realiza a ação concreta, sem tanta interferência de vontades alheias. Para Mothé (2009) autogestão é uma forma de organização democrática que atua pela democracia direta. No contexto em que se fala, a democracia direta não se reduz às decisões tomadas coletivamente, mas também à execução das atividades.

Daniel Mothé (2009) aborda a ideia a partir de duas correntes: a política e a alternativa. A política é aquela que vê a introdução da democracia direta nas instituições políticas como um ato de transformação em si. Nessa abordagem, a ação política é fundamental para a passagem a uma sociedade autogerida, logo ela está subordinada à conquista de poder político. Já o viés alternativo diz respeito aos “profissionais que tentam materializar espaços de autogestão limitados e circunscritos, aqui e agora, na produção, no consumo, na cultura, na educação, na inserção, nos bairros, na habitação, etc.” (MOTHÉ, 2009, p. 27). Indo ao encontro desse viés alternativo proposto, Albuquerque (2009) fala sobre a autogestão no contexto da *outra economia*<sup>4</sup>, no qual ela aparece como um modo de ação coletiva que se forma na experiência concreta, assim, os princípios da ação social vão além do que se é estabelecido em um contrato, definindo as obrigações de cada um – eles derivam do significado dado às intenções ou ideias que fundamentam o grupo.

Assim, pode-se dizer que o *coworking*, por delegar a cada participante a responsabilidade pelo funcionamento do espaço, promove o desenvolvimento de experiências autogestionárias, que se compõem conforme as ideias e intenções que fundamentam cada coletivo. As áreas de convivência comum, portanto, promovem maior colaboração entre os participantes do *coworking*, e a realização de eventos pode ajudar na formação da rede (LEFORESTIER, 2009).

---

<sup>4</sup> Cattani (2003) explica que a outra economia de que se fala busca suprir as demandas de uma sociedade que evoluiu e se tornou mais exigente, técnica e mais qualificada intelectualmente, além de empenhar-se no desenvolvimento de um mundo mais justo, respeitoso, cooperativo, solidário e que busca a realização humana plena.



As desvantagens do modelo *coworking*, para Leforestier, é que as pessoas tem que estar dispostas a abrir seus projetos para pessoas que não estão envolvidos nele, o que o faz perder a confidencialidade, podendo causar uma perda de vantagem competitiva. Nesse sentido, é preciso destacar que o *coworking* existente na Associação Cultural Paralela não funciona simplesmente como um escritório compartilhado. Tanto os objetivos conjuntos da Associação – da qual fazem parte os coletivos que participam do espaço de *coworking* –, quanto a lógica de rede colaborativa na qual se baseia o desenvolvimento da produção cultural independente, geram uma retroalimentação entre cada coletivo ou projeto envolvido. O compartilhamento e as criações coletivas resultantes das iniciativas autogeridas presentes no espaço representam, portanto, uma vantagem tanto criativa quanto econômica para todos os envolvidos, ideia que será aprofundada na discussão sobre rede de cooperação solidária.

## 2.2 Prosumidores

O rompimento da distância entre produtor e consumidor é um dos movimentos que torna possível a inovação na produção de bens e serviços de várias espécies. O termo *prosumer*<sup>5</sup> surge com Alvin Toffler, em seu livro “A Terceira Onda” (1980), em que ele discorre sobre o que chama de a terceira grande onda econômica mundial. Segundo o autor, a primeira foi a revolução agrícola, a segunda foi a revolução industrial e a terceira se refere às mudanças econômicas criadas pela era da informação.

Toffler propõe dois setores da economia: o setor A, em que as famílias e comunidades produzem para consumo próprio – o espaço do *prosumption*<sup>6</sup> –, e o setor B, em que o destino da produção vai para a venda ou troca – o espaço do mercado (TOFFLER, 1980). Durante a revolução agrícola, o Setor A é enorme e o Setor B é mínimo, enquanto que, na revolução industrial, ocorre o contrário: o Setor A quase desaparece, enquanto o Setor B domina. Na Terceira Onda, os consumidores fazem por si mesmos o que se apresenta como necessidade da vida, que antes seriam buscadas no mercado.

Essa ideia se aproxima de maneiras de pensar e agir no mundo que se propagam a partir das condições de comunicação e de acesso ao instrumental que viabiliza a produção criativa disseminadas pela internet. A ideia de “Faça você mesmo” é uma das forças motrizes de grande parcela das pessoas envolvidas com a produção de arte, informação, atividades culturais, entre outras. Diante disso, torna-se necessário inventar formas alternativas de

---

<sup>5</sup> O termo foi traduzido para prosumidores pelos autores consultados.

<sup>6</sup> O termo foi traduzido por prosumerização pelos autores consultados.

produção e de consumo, de relações de trabalho, de formação de grupos, o que também atualiza a forma como as pessoas estabelecem comunicações que geram esses frutos.

Quando se pensa o conceito de prossumidor no âmbito de uma rede de pessoas que tem como produto mais significativo a arte e a informação, como é o caso desta pesquisa, é preciso pensar como se estabelece a produção de conteúdo a partir da geração de pessoas que Don Tapscott (2007) chama de “Geração Net”. Segundo ele, “A nova web desafia a premissa de que a informação deve se deslocar de produtores credenciados para consumidores passivos”. (TAPSCOTT, 2007, p. 181).

Este autor, ao tratar da relação entre grandes empresas e seus públicos, explica que:

os concorrentes não são mais as indústrias arqui-rivais, mas a massa hiperconectada e amorfa de indivíduos auto-organizados que está segurando com força as suas necessidades econômicas em uma mão e os seus destinos econômicos na outra. “Nós, o povo” não é mais apenas uma expressão política – uma ode esperançosa ao poder “das massas” –, trata-se também de uma boa descrição de como as pessoas comuns, funcionários, clientes, membros da comunidade e contribuintes agora têm o poder de inovar e criar no cenário global (TAPSCOTT, 2007, p. 25).

A criatividade e autonomia são, portanto, aspectos que passam a fazer parte dos espaços em que os prossumidores buscam interagir. Inicialmente, pensando-se em hiperconexão, tende-se a imaginar os espaços onde a prossumerização se realiza como lugares virtuais, de interação na web. Ao reduzir esse comportamento a formas como usuários da internet agem, imagina-se que a tecnologia ficasse contida nela mesma. Sobre isso, Pierre Lévy (1998), no livro “Inteligência Coletiva, por uma antropologia do ciberespaço” fala sobre as mudanças sociais, econômicas, políticas, estéticas que nascem a partir de uma nova técnica, que passa a condicionar o agir. Essas características passam a extrapolar o ambiente que possibilitou sua manifestação, criando novas formas de interação no ambiente real, físico, neste caso, no espaço da Associação Cultural Paralela.

Tapscott (2007) aborda questões importantes para se pensar na ascensão dos prossumidores, como o *peering*, uma maneira colaborativa de produzir bens e serviços. Nesse modelo, cada pessoa envolvida contribui ativamente através de um software de código aberto<sup>7</sup> para a construção de conhecimento ou para a troca de informações. Essa “inteligência”, portanto, depende de comunidades auto-organizadas e igualitárias – no sentido de que todos participantes podem modificar o conteúdo a ser criado – que se unem voluntariamente para

---

<sup>7</sup> O software de código aberto, segundo Don Tapscott (2007, p. 110), segue três regras de funcionamento: não tem dono, todos o usam e qualquer um pode aprimorá-lo. Ele é atualizado constantemente pelos usuários, se aperfeiçoando conforme as necessidades, o que também faz surgir desafios como o da compatibilidade, integração e suporte com aplicativos.

gerar resultados que serão compartilhados. O conteúdo fica disponível aberta e gratuitamente para consulta e edição, como é o exemplo da Wikipedia, uma enciclopédia construída de forma colaborativa. Pensando em como o ciberespaço remodela a forma como se constrói inteligência, Lévy desenvolve a ideia de inteligência coletiva, que será retomada adiante.

Nesse sentido, Terra (2012) cunha o conceito de usuário-mídia, que aponta que “cada um de nós pode ser um canal de mídia: um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remixador ou apenas um difusor do seu próprio conteúdo” (TERRA, 2012, p. 1). A partir desse termo, Motta (2014), em sua dissertação de mestrado, reposiciona o termo *prossumidores* de Toffler (1980), para a noção de consumidor-produtor, trazendo-o para a atualidade, para esse momento em que a *mediatização* alcança os indivíduos cotidianamente. Assim, Motta (2012) reflete sobre as pessoas que utilizam as redes sociais para compartilhar ideias e experiências que envolvem determinados produtos e serviços. Esses produtos e serviços, entretanto, passam a ser vistos não mais como artefatos separados da vida e dos processos de *subjetivação*, mas justamente como plataforma de interação que se desdobram na produção de *subjetividade*.

Nesse contexto, a produção cultural pode ser vista como um serviço que promove a comunicação e a interação entre diferentes pessoas e linguagens, gerando riquezas materiais e imateriais. Materiais no sentido em que contribui para a sustentabilidade econômica de artistas, jornalistas, designers e outros profissionais que trabalham com informação, além de incentivar a criação artística, dando origem a novos discos, espetáculos, exposições. Imateriais no sentido em que promove o encontro, possibilita a interação e comunicação, proporciona a geração de conhecimento e de *subjetividade* e sustenta o movimento da cidade, o que, por sua vez, também dá origem a riquezas tanto materiais como imateriais.

Por fim, é importante destacar a diferença entre a comunicação de massa da comunicação tratada aqui. A comunicação de massa é caracterizada pela clara diferenciação entre emissor e receptor; por se dirigir a grandes audiências, heterogêneas, anônimas, de forma pública; por atingir simultaneamente a maioria da audiência e por partir de comunicadores que operam em complexas organizações que tendem a ser grandes empresas (WRIGHT, 1968), fenômeno que dá origem ao que se chama de massa, um público formado por “pessoas que não se conhecem, que estão separadas umas das outras no espaço e que têm pouca ou nenhuma possibilidade de exercer uma ação ou uma influência recíproca.” (WOLF, 2009, p. 25). Já a comunicação da qual se fala aqui se caracteriza por ser interativa, colaborativa, em que cada ponto (*peer*) é tanto produtor como receptor da informação, o que exige um posicionamento ativo do usuário em relação às mensagens.

### 2.3 Economia criativa

Há diferentes propostas que buscam a criação de formas menos impessoais de relações econômicas. Economia criativa, economia da cultura, economia do conhecimento, economia da experiência, economia solidária. A produção científica avança junto com essas proposições, descrevendo e analisando seus movimentos. Cada uma delas descreve algumas especificidades, mas todas concordam em relação ao esgotamento do modelo econômico e do modo de vida vigente em grande parte das organizações de trabalho que vivem a economia de mercado. A economia criativa foi escolhida aqui por estar entre os objetivos da Associação Cultural Paralela “promover a economia criativa e a criação artística, visando à abertura de oportunidades” (ESTATUTO DA ACP, 2015, p. 1), tratando-se, então, de aspecto fundamental para entender de que forma a associação opera. Percebe-se que há pontos em que a ideia tangencia “outras economias”, principalmente a “da cultura”, que abarca a economia no setor cultural, espaço que se compõe e se mistura constantemente com o que podemos chamar de “setor criativo”. A reflexão acaba passando também pela economia da cultura, portanto.

O termo economia criativa surge em 2001, com John Howkins, quando ele explica que o que vem se modificando é a natureza e a extensão das relações entre a criatividade e a economia, capazes de criar um valor extraordinário. Em 2010, no Relatório de Economia Criativa das Nações Unidas, o termo é visto como a economia que se forma pelas indústrias criativas. A ideia de indústria, porém, remete a uma forma de organização específica que soa como ultrapassada quando se pensa no surgimento de novas formas de organização e relação social. Trata-se de uma dinâmica diferente de produção de bens, para a qual ainda utiliza-se o mesmo termo.

É importante destacar que a criatividade também tem sentidos diversos. Segundo o Relatório de Economia Criativa (2010), criatividade se relaciona com a imaginação, com a capacidade de gerar ideias originais e novas formas de interpretar o mundo; envolve a curiosidade e disposição para experimentar e estabelecer novas conexões em busca da solução de problemas; já na economia, ela se relaciona também com a inovação. A economista Ana Carla Reis (2012), em entrevista para a Band News, aponta como características da cidade criativa – expressão que tenta dar conta do cenário atual – a capacidade de inovação (entendida aqui como desenvolvimento de soluções para problemas), o estabelecimento de conexões (entre diferentes áreas da cidade, entre a cidade e o mundo, etc.) e a presença da cultura, no sentido de criar identificações e também de gerar atividades para a cidade.

A produção das indústrias criativas, segundo o Relatório de Economia Criativa (2010), é dividida em quatro subgrupos, sendo eles patrimônio, artes, mídia e criações funcionais e é um tipo de negócio que busca um novo modelo de desenvolvimento.

É a dimensão simbólica da produção humana que passa a ser o elemento fundamental na definição do valor desses novos bens e serviços. Ao mesmo tempo que produz riqueza, a economia criativa demonstra tendência para construir solidariedade, reunindo e incluindo comunidades e indivíduos, coletivos e redes (Relatório de Economia Criativa, 2010, p. 16).

Ainda há muitas controvérsias sobre esse conceito, principalmente pela sua relação com o termo indústria cultural. Nesse sentido, Rosi Marques Machado (2009) aborda em seu artigo “Da indústria cultural à economia criativa”, as aproximações e distanciamentos entre os dois termos. Ela destaca que na perspectiva frankfurtiana, os consumidores não são vistos como sujeitos dessa indústria, mas como seu objeto (Adorno, 1987 apud Machado, 2009, p. 88). É uma abordagem que não dá espaço “para contemplar as disposições morais e os vínculos afetivos dos indivíduos que compõem a sociedade” (MACHADO, 2009, p. 90).

Paul Tolila (2007) busca compreender por que os bens culturais não são mercadorias como as outras. Para isso, ele explica que as propriedades físicas ou objetivas é o que se chama de qualidade de um bem, da natureza que for. A qualidade precisa ser reconhecida de forma generalizada pelo conjunto de pessoas e para que isso aconteça, ela deve ser mensurável e hierarquizável. A qualidade dos bens culturais e artísticos, entretanto, é subjetiva, o que torna impossível mensurá-los e hierarquizá-los. Além disso, outras duas características dos bens não se aplicam aos bens culturais: a exclusividade, isto é, a impossibilidade de duas pessoas usufruírem dele – um café, por exemplo, é exclusivo, já a contemplação de uma antiga construção, não – e a rivalidade, ou seja, quando o consumo de um bem por uma pessoa reduz a quantidade disponível para o resto da sociedade, o que também não ocorre na maioria dos casos quando pensamos em bens culturais.

Pode-se dizer que os produtos e serviços criativos têm um valor cultural e um valor comercial, e nem sempre o valor cultural pode ser mensurado em termos monetários. Culturalmente, eles contribuem com a formação simbólica, comunicativa, intelectual, subjetiva da sociedade. (Relatório de Economia Criativa, 2010)

O estabelecimento de uma relação não contraditória entre cultura, arte, criatividade e economia é importante para a autonomia orçamentária do setor. Tolila (2007) explica que os estudos na área são recentes e que os dois campos se mantinham distantes, um com seus cálculos e leis, e o outro buscando a expressão apaixonada, de criação livre. A busca por entender as imbricações do processo econômico no setor criativo e cultural gera um processo

propositivo, já que cria condições financeiras para os produtores investirem tempo e energia nos trabalhos mais criativos, o que incentiva as formas diversas de se relacionar no mundo que essas iniciativas propõem. A economia criativa busca dialogar com os modos de operação do sistema que está estabelecido, ao qual busca ser uma alternativa, e de dentro dele, passa a gerar novos pequenos processos culturais transformadores.

## **2.4 Redes de cooperação solidária**

As redes de cooperação solidária surgem nesse cenário mais como estratégia de atuação do que como categoria analítica. Para pensar nesse termo é preciso relembrar o contexto econômico em que surge. O avanço do neoliberalismo na Inglaterra, nos Estados Unidos e, posteriormente, na América Latina, incluindo o Brasil, durante os governos militares, nas décadas de 1980 e 1990, deixou claras as consequências sociais dessa política econômica que prevê um estado mínimo de bem-estar social (MARIANI, 2007). Esse sistema é responsável, entre outras coisas, por três gravíssimos problemas, apontados por Antônio David Cattani (2003) no livro “A outra economia”: a acumulação crescente, natureza profunda do capitalismo, gerada por uma lógica de produção baseada na fácil substituição física e intelectual do trabalho vivo, na “especialização flexível” e na intensificação da automação, disciplinando a criatividade humana e gerando um crescente sentimento de desinteresse e estresse em relação ao trabalho. Outro problema é a agravamento das desigualdades. Nunca houve tanta produção de bens e serviços de interesse coletivo, assim como nunca houve tamanha injustiça em seu acesso e fruição. O terceiro problema diz respeito aos riscos de sobrevivência das populações, da água, do ar, da vida em geral, vítimas da exploração predatória desse “capitalismo turbinado”. (CATTANI, 2003).

A partir desse cenário e também do diálogo proporcionado pelo Fórum Social Mundial, em 2001, Cattani (2003, p. 10) destaca que:

os resultados de mais de duzentos anos de domínio do modo de produção capitalista apontam para a necessidade de construir uma outra economia para atender às demandas de uma sociedade mais exigente, técnica e intelectualmente mais qualificada. As necessidades de justiça, de respeito humano de realizações materiais mais aperfeiçoadas se fazem sentir por todo o mundo.

Uma das estratégias que surge nas últimas décadas são as redes de colaboração solidária. Enquanto categoria analítica, Euclides Mance (2003) explica que o conceito “resulta da reflexão sobre práticas de atores sociais contemporâneos, compreendida desde a teoria da complexidade e da filosofia da libertação” (MANCE, 2003, p. 220). Enquanto categoria estratégica, as redes de colaboração solidária são o centro de uma revolução que ocorre

simultânea e conjuntamente nos âmbitos econômico, político, cultural e que quebram com padrões hegemônicos do sistema capitalista, avançando na construção de uma globalização solidária – e também, em alguns aspectos, no contra fluxo da globalização, incentivando o desenvolvimento local e a proximidade.

Segundo o autor, o objetivo da rede é “remontar de maneira solidária a cadeia produtiva” (MANCE, 2003, p. 222). Para isso, quatro movimentos são necessários: a produção interna do que ela consome, como produtos finais, insumos, serviços; a correção de fluxos, evitando a realimentação da produção capitalista, isto é, a tentativa de manter o capital circulando dentro da rede; a criação de trabalho e a distribuição de renda a partir do surgimento de novas iniciativas para suprir as necessidades da própria rede e a construção de condições econômicas aos atores participantes para garantir o exercício das liberdades públicas e privadas.

O consumo solidário, o reinvestimento coletivo de excedentes, a colaboração solidária e a gestão democrática (autogestão e autodeterminação) de cada um dos membros da rede são algumas das premissas indispensáveis para o funcionamento delas. Dessa forma, essas redes geram um movimento orgânico que envolve atores diversos, suprimindo suas demandas de aplicação da força de trabalho e de consumo, além de negar estruturas de exploração e dominação política e cultural e, principalmente, de implementar novas formas de produzir e consumir – isto é, de organizar a vida coletiva –, sustentando o direito à diferença e à singularidade. Mance percebe esse movimento como uma organização pós-capitalista. Essa possibilidade de exercer sua singularidade seria, também, um incentivo ao desejo e promoção da liberdade das outras pessoas.

Mance (2003) diz que a ideia de rede carrega traços que se aproximam de áreas como a cibernética e a ecologia e destaca a importância do ininterrupto fluxo de informações internas, que proporciona a livre interação comunicativa e, assim, possibilita a decisão particular de cada membro sobre questões que envolvem a rede. Nesse sentido, entender as formas de comunicação mediada por computador e de produção que as tecnologias digitais fazem surgir se torna fundamental para compreender o funcionamento dessas redes.

As redes de cooperação solidária são eficazes para pensar o modo de operação e a lógica no qual as conexões entre pessoas e grupos se estabelecem atualmente. A singularidade de cada um dos espaços onde elas se desenvolvem, de cada rede e de cada ponto dessa teia, isto é, dos atores envolvidos, é fundamental para a prática que se constrói com os movimentos aqui descritos.

Esse processo se desenrola na contemporaneidade junto à globalização e às mudanças geradas pelas tecnologias digitais de comunicação. A mudança na percepção de bens culturais, fazendo surgir uma economia que se alimenta de riquezas subjetivas, produzidas e disseminadas a partir da criatividade dos indivíduos, ocorre porque também muda a forma como o público se relaciona com as mensagens. A ideia de uma indústria cultural, como dito anteriormente, surge no contexto da cultura de massa, da divisão clara entre emissor e receptor, da mensagem que caminha em um só sentido. Em tempos globalizados, as mensagens vêm de várias fontes e sentidos, cruzando-se e gerando ressignificações que complexificam as relações e as redes que se formam a partir dessas indústrias criativas. Para compreender essas formas de organizações, é preciso também buscar saber em que base tecnológica e instrumental ela se apoia.



## 2 COMUNICAÇÃO EM REDE

A comunicação é um dos aspectos da sociedade que tem passado por intensas mudanças nas últimas décadas. A sua emergência causa grandes mudanças epistemológicas, que reverberam em todas as esferas da sociedade. A noção de comunicação trazida nesse trabalho vai ao encontro do que Rodrigues (2001) compreende do termo: tanto interações entre indivíduos, quanto entre indivíduos e natureza, indivíduos e instituições sociais e, ainda, do indivíduo consigo mesmo. Além disso, a comunicação se refere tanto a atos discursivos, quanto a silêncios, omissões, comportamentos, olhares. A possibilidade de ausência de signos materiais exteriores, portanto, torna os processos comunicacionais bastante complexos de serem averiguados.

A mudança no paradigma comunicacional que ocorre atualmente tem como aspecto central a questão técnica, com ênfase nas recentes modificações que ela vem proporcionando no que diz respeito às relações sociais, às experiências subjetivas e ao mundo da linguagem, o que Rodrigues (2001) chama de logotécnica. “A técnica está em vias de passar a ser o próprio modo de realização do processo comunicacional” (RODRIGUES, 2001, p. 91). Guattari (2001), no livro “As três ecologias”, percebe as mudanças que se desenrolam em várias partes do planeta como uma reivindicação das singularidades. Para ele, a subjetividade é o conjunto de condições que dá a possibilidade para que indivíduos ou coletivos se desenvolvam como território existencial auto-referencial em relação de delimitação com a subjetividade do outro.

São mudanças teóricas e práticas da comunicação e da interpenetração entre linguagem e técnica, que passam a se estruturar de forma semelhante, em um sistema reticular. À medida que as logotécnicas tendem à naturalização, percebida pela autonomia que adquirem em relação ao meio artificial, pela semelhança à estrutura orgânica e pelo modo de funcionamento sinérgico, começa-se a perceber a natureza reticular que a linguagem adquire e, portanto, a comunicação: a estrutura em rede.

Rodrigues (2001) compara a lógica reticular com o jogo de xadrez, no qual cada peça tem um valor diferencial. Esse valor é definido pela posição que ocupam, pelos circuitos de deslocamento possíveis e dos movimentos da que se dão no decorrer da partida. Nesse sentido, Pierre Lévy (1998) fala sobre como a mensagem produzida digitalmente se compõe e recompõe constantemente. Para o autor, há três categorias de mensagens: as somáticas, que implicam a presença efetiva do corpo e podem ser adaptadas conforme a circunstância e intenção; as midiáticas, que reproduzem e fixam a mensagem para garantir-lhes melhor difusão do tempo e no espaço e, assim, fazem desaparecer sua capacidade adaptativa; e as

digitais. É importante destacar a diferenciação feita entre a mídia clássica, que se contenta em “fixar, reproduzir e transportar uma mensagem somaticamente produzida” e a mídia como técnica de registro e difusão, do qual Lévy cita como exemplo o cinema e a prática da montagem.

Assim, o autor exalta o digital como “o absoluto da montagem”<sup>8</sup>, já que permite uma modificação e “reação de grande sutileza, graças a um controle total de sua microestrutura” (LÉVY, 1998, p. 53). Esse tipo de mensagem, portanto, une uma certa sensibilidade das mensagens somáticas e conserva a potência de gravação e difusão das mídias. Isso “abre um ciberespaço que interconecta virtualmente todas as mensagens digitais, multiplica os captadores e semáforos, generaliza as interações e os cálculos em tempo real”, criando um “caldo vivo e flutuante” que une os signos e corpos (p. 54).

Busca-se, portanto, compreender como acontecem as dinâmicas de comunicação em rede, que tem como matéria-prima as interações mediadas ou não por computador, para perceber o surgimento de novas formas de sociabilidade, relacionando-as com as práticas debatidas no segundo capítulo. Para isso, neste capítulo, serão abordadas discussões sobre a formação de redes sociais na internet, já que elas se apresentam atualmente como uma das principais mediadoras das relações sociais que existem ou não fora do ciberespaço. Será também feita uma reflexão acerca da produção de subjetividades e inteligências coletivas que se formam com ajuda das tecnologias digitais.

### 3.1 Redes sociais

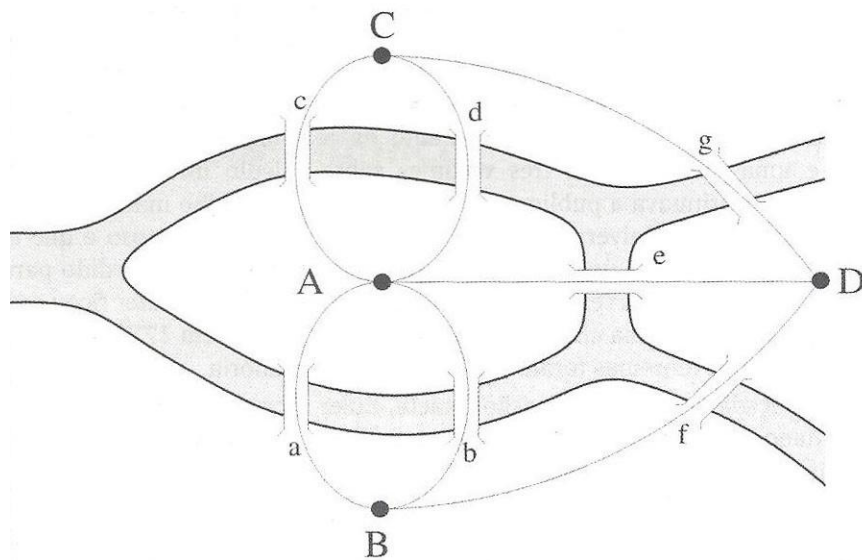
A rede como metáfora de formas de organização social passa a ganhar força em um momento em que vários movimentos são feitos no sentido de tentar abarcar com maior totalidade os fenômenos sociais. Raquel Recuero (2014), no livro “Redes sociais na internet” trata da formação de redes sociais mediadas por computador, que ela vê não só como expressão de redes sociais *off-line*, mas também como uma complexificação da organização entre pessoas.

---

<sup>8</sup> No cinema norte-americano clássico, as operações de montagem começam a ser sistematizadas por D.W. Griffith a partir de 1914, tendo em vista a progressão narrativa do filme (AUMONT, 2008). Lévy entende por “absoluto da montagem” a articulação de elementos heterogêneos, possibilitada pelas tecnologias digitais, que resulta na criação de uma inteligência coletiva, a despeito dessa demanda narrativa. Nesse sentido a montagem se aproxima das práticas de colagem/bricolagem das vanguardas artísticas européias dos anos 1920, como o dadaísmo.

A autora explica que desde o início do século XX, a ciência vem buscando um olhar que compreenda os acontecimentos sociais na sua totalidade, ao invés de olhar cada parte separadamente. A Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Ludwig Van Bertalanffy nas décadas de 40 e 50; a física quântica, de Einstein e Heisenberg na década de 20; a matemática não-linear que deu origem à Teoria do Caos, de Edward Lorenz, na década de 60, e a abordagem da complexidade, desenvolvida por diversos pensadores e cientistas, entre eles Edgar Morin, são alguns dos enfoques que traduzem essa necessidade de uma perspectiva conjunta e que possa traduzir os movimentos cada vez mais dinâmicos da sociedade, buscando superar o paradigma analítico-cartesiano.

Leonhard Euler, em 1736, propôs pela primeira vez uma demonstração matemática que se aproxima da metáfora da rede. O matemático residia em São Petesburgo, próximo a Königsberg, pequena cidade rodeada pelo rio Pregel e que conta com sete pontes. A população entretinha-se tentando desvendar a seguinte questão: como cruzar todas as pontes sem passar mais de uma vez por cada uma delas? Euler desvendou o problema substituindo cada parte de terra por um nó e cada ponte pelo que ele chamou de *link* (Figura 1), chegando ao que passou a ser chamado de grafo e demonstrando a impossibilidade de uma rota que passe somente uma vez por cada ponte. Assim surgiu a teoria dos grafos, que passa a estudar as propriedades desses grafos e hoje constitui a base do pensamento sobre redes. (BARABÁSI, 2009)



**Figura 1: Representação da cidade de Königsberg, em que 'A a D' são os as faixas de terra (nós) e 'a a g' são as pontes (conexões). Fonte: BARABÁSI, 2009, p. 10.**

Portanto, quando se estuda um grupo a partir da perspectiva das redes, já é levada em conta a complexidade com que ele se comporta. Nesse sentido, as redes formadas na internet facilitam a leitura de um padrão de comportamento, já que o ciberespaço deixa registrados os fluxos de comunicação entre os atores sociais envolvidos. Nesta pesquisa, a rede social mediada por computador auxilia estrutural e instrumentalmente na formação de uma rede que extrapola seus limites, fomentando o desenvolvimento social e, principalmente, possibilitando o encontro entre as pessoas, o que realimenta a estrutura de rede e gera novas sociabilidades. Nesse processo, a própria rede se reconfigura e descobre caminhos ainda não percorridos.

Serão descritas algumas categorizações que auxiliam no estudo das redes, como seus elementos, as dinâmicas que influenciam nas formas de sociabilidade e a rede social na internet do tipo emergente.

### **3.1.1 Atores**

As redes sociais são constituídas por dois elementos: os nós ou atores e as conexões. Os atores moldam as redes sociais através de interações ou laços sociais (RECUERO, 2014). São considerados atores de uma rede não apenas indivíduos, mas todo tipo de lugar de fala que expresse uma individualidade ou personalidade. Esse espaço de fala, na perspectiva de Guattari (2001), expressa uma singularidade que se diferencia da individualidade por não ser baseada na ideia de identidade, centrada no sujeito. A singularidade proposta por Guattari se forma no fluxo da vida, nas intensidades, na imanência, em abertura processual. A autora, por tratar de redes mediadas por computador, vê esses atores como representações ou construções identitárias do ciberespaço. Aqui, busca-se compreender a rede que se apropria e também se forma a partir das tecnologias digitais, mas expressa seus resultados fora do ciberespaço. Os atores da rede de que se trata aqui não serão vistos como meras representações, nem tampouco como individualidades, mas como atores sociais utilizando-se de tecnologias de comunicação digital, integrados às inúmeras intensidades que os atravessam constantemente.

O espaço virtual, de qualquer forma, continua sendo essencial para esse estudo, pois influencia o processo cognitivo e organizacional do objeto em questão. Assim, Paula Sibilia (2004), ao pensar a “construção do eu” no ciberespaço observa a manifestação de um imperativo de visibilidade, resultado do processo globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser visto para existir, e essa existência se dá, principalmente através de palavras, que ganham um pouco mais de individualidade quando as recheamos com fotos, informações pessoais, isto é, quando se constrói o espaço de fala.

É essencial a compreensão da forma de expressão para que depois possamos estudar como se estabelecem conexões. (RECUERO, 2014)

### 3.1.2 Conexões

As conexões são os principais elementos dos estudos sobre redes sociais, pois são elas que alteram a estrutura da rede. (RECUERO, 2014) Existem três tipos de conexões: interações, relações e laços sociais.

As interações são matéria-prima das relações que se constituem. Recuero explica que estudar as interações é estudar como as trocas sociais dependem das trocas comunicativas e que a partir da definição de padrões de interação são definidas as relações sociais. Primo (2000) propõe duas categorias de interações: mútuas ou reativas. As reativas são as que funcionam de forma pré-determinada e automática, em sistemas fechados, através de contatos de estímulo-resposta, ação-reação, relações de causa e efeito e de forma objetiva, através de interfaces potenciais. As interações mútuas, por sua vez, surgem de processos emergentes, que se definem durante o percurso – e são elas que mais interessam aos objetivos dessa pesquisa. Elas são como sistemas abertos, em que os elementos são interdependentes e por isso acontecem trocas constantes dos sujeitos entre si e entre sujeito e contexto. São processos que envolvem negociação, já que “cada agente é uma multiplicidade em evolução” (PRIMO, 2000, p. 8). Leva em conta a complexidade cognitiva do interagente, isto é, a interpretação da mensagem, em um fluxo dinâmico de informações que exige uma abordagem relativista. A interface é virtual, diferentemente da interação reativa, que se utiliza de interfaces potenciais<sup>9</sup>.

Primo ainda acrescenta que “a interação mútua leva em conta uma complexidade global de comportamentos (intencionais ou não e verbais ou não), além de contextos sociais, físicos, culturais, temporais, etc.” (PRIMO, 2000, p. 12) e é uma interação voltada para a evolução. Guattari (2001) também toca nesse ponto ao falar das mudanças que acontecem na produção de subjetividade, destacando que para que se mudem os modelos e módulos de subjetivação, que fazem nosso inconsciente permanecer totalmente vinculado ao passado, a vínculos pré-estruturalistas, há a necessidade de que seja criado algum engajamento que

---

<sup>9</sup> Primo (2000, p. 10) destaca que os “sistemas interativos mútuos operam em modo virtual pois interfaceiam dois ou mais agentes inteligentes e criativos”, logo, é impossível pré-estabelecer que um estímulo gere uma resposta específica, como o que acontece nas interfaces potenciais, em que o interagente pode “escolher” entre potencialidades que são definidas antes de ele estar presente na interação. O autor ainda diz que para que seja plenamente interativa, a interface deve operar na virtualidade, gerando atualizações.

projete para o futuro. Segundo o autor, essa tensão acontecerá por intermédio de temporalidades humanas e não humanas.

As redes sociais na internet são formadas por grande quantidade de interações reativas e mútuas, a partir das quais surgem relações sociais. Recuero (2014) destaca que a relação é independente do conteúdo da interação, porém, ele ajuda a definir o tipo de relação que se estabelece. A relação mediada por computador tem algumas características singulares, como a não correspondência imediata entre corpo físico e personalidade, trazendo consequências como o enfraquecimento de barreiras criadas a partir do corpo e a efemeridade das relações, que iniciam e terminam com muita facilidade.

A partir da relação pode-se ou não formar um laço social, a mais efetiva conexão entre os atores. A partir dos estudos de Wellman (2001), Recuero explica que os laços sociais são formados por elementos como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional (WELLMAN, 2001 apud RECUERO, 2014, p. 43).

### **3.1.3 Dinâmicas das redes sociais na internet**

Como já foi destacado, a rede social é caracterizada por sua dinamicidade. Ainda que ela seja representada em um grafo ou mapeada para a compreensão de padrões, os resultados disso não são representações em tempo real, mas imagens paradas de um processo que já se modificou. As redes são vivas (Thacker, 2004).

Esses processos dinâmicos são consequência das interações entre os membros de uma rede e de comportamentos emergentes, isto é, que são percebidos em grande escala, e não necessariamente aparecem em escalas menores. São condutas que aparecem coletivamente. Recuero (2014) aprofunda o estudo de algumas dessas dinâmicas, como a cooperação, a competição, o conflito, a agregação, a ruptura, a adaptação e a auto-organização.

A cooperação é o processo que estrutura a formação de uma rede. É preciso que haja mais processos cooperativos do que competitivos e conflitivos para a criação e manutenção da rede. Além disso, cooperação, competição e conflito não necessariamente se opõem. A competição pode não envolver hostilidade e ainda pode vir a gerar processos cooperativos, incentivando a resolução de problemas do grupo, por exemplo. Já o conflito geralmente envolve hostilidade e pode resultar em processos de desgaste e ruptura da estrutura, que também podem ocorrer pela ausência de interações. Nesse sentido, vale destacar a

característica singular dos sites de redes sociais na internet<sup>10</sup>, que mantêm a estrutura de rede independente da frequência de interações.

Já a capacidade de agregar e desagregar pessoas em uma rede se dá pelo processo chamado clusterização. Essa dinâmica se relaciona com os conectores, nós que contêm um grande número de *links* ou conexões. Os conectores são componentes fundamentais da maioria das redes, das econômicas às celulares. Eles tecem a sociedade, estabelecendo contatos, tendências, juntando atores de diferentes contextos (BARABÁSI, 2009).

Entre as dinâmicas abordadas, a adaptação e a auto-organização se destacam como importantes propriedades das redes. Elas refletem a estrutura das tecnologias digitais – móveis, fluidas. Lévy (1998), ao tratar dos coletivos humanos na perspectiva da inteligência coletiva, explica que nada é fixo e, apesar disso, não se trata de desordem.

Assim como as mensagens do ciberespaço interagem e invocam-se de um extremo a outro de um plano desterritorializado, os membros dos coletivos moleculares se comunicam transversalmente, reciprocamente, fora de categorias, sem passar pela via hierárquica, dobrando e redobrando, cosendo e recosendo, complicado a seu bel-prazer o grande tecido metamórfico das cidades calmas (LÉVY, 1998, p. 57).

O próprio deslocamento para formas de interação mediadas por computador alterou e continua alterando a maneira como as pessoas se relacionam socialmente, fazendo surgir novos padrões e novas organizações sociais, que mantêm um “*equilíbrio dinâmico* constantemente redirecionado entre caos e ordem” (RECUERO, 2014, p. 89). Essa capacidade de adaptação e a auto-organização ocorre através da interação e da comunicação, o que exige a circularidade das informações ali expressas para que os processos sociais coletivos se mantenham em funcionamento.

### **3.1.4 Redes sociais emergentes**

As redes sociais emergentes são formadas pelas relações sociais entre atores que interagem de forma mútua e que geram laços sociais dialógicos. Esse tipo de rede geralmente é de menores proporções, formada por poucos nós que dedicam tempo e demonstram interesse na construção de relações, no compartilhamento de suporte social, confiança e

---

<sup>10</sup> É importante, aqui, destacar a diferença entre rede social e site de rede social. Enquanto este se refere a um *software* que atua para garantir a comunicação mediada por computador, aquele é formado pelo uso que as pessoas por trás da máquina fazem dele. Sites de redes sociais têm como importante característica a exposição da rede que é formada, a qual auxilia na observação da estrutura da rede, entretanto, não se pode perder de vista que “são os atores sociais que utilizam essas redes, que constituem essas redes” (RECUERO, 2014, p. 103).

reciprocidade. Assim, percebe-se uma rede mais conectada, com “maior riqueza na quantidade e qualidade das conexões estabelecidas entre os atores”, o que dá origem a redes menos centralizadas e mais igualitárias (RECUERO, 2014, p. 97).

As interações nesse tipo de rede se dão por comentários, conversações e tem alto grau de dinamicidade. Para fins de análise, as redes sociais na internet promovem algo nunca existente no campo das ciências sociais, pois facilitam o mapeamento, uma maior escalabilidade das análises, um estudo mais interdisciplinar da rede que se busca estudar e, principalmente,

as possibilidades de registro das informações permitem ainda que estudos mais relacionais e focados nas interações comunicativas entre os atores que vão compor a rede possam também ser realizados de forma diferente, com uma maior fidelidade ao que é dito e uma maior quantidade de dados (RECUERO, 2014, p. 164-165).

### **3.2 Subjetividades em rede**

Os processos que se desenrolam a partir das novas formas de sociabilidade e comunicação solicitam a criação de uma nova forma de expressão e tradução da vida humana. Pierre Lévy (1998), à época de sua teoria, acreditava que a sociedade ainda não contava com uma linguagem adequada para falar sobre a produção de inteligência coletiva.

Nesse mesmo sentido, Félix Guattari (1992; 2001) propõe que seja forjado um novo paradigma ético-estético que se baseia em promover o surgimento e desenvolvimento de dispositivos de produção de subjetividade. Há uma tendência contemporânea à valorização da subjetividade, que se dá, na verdade, pela crise de referências em diversos âmbitos da vida tanto individual, quanto social – o excesso de referências organizam os indivíduos em categorias estanques, identitárias, esvaziando o caráter processual da existência e da experiência e fazendo-os assumir o que já está dado. Apesar disso, “as subjetividades não estão bem cotadas” e as ciências sociais e humanas deixam escapar “dimensões intrinsecamente evolutivas, criativas e autoposicionantes dos processos de subjetivação” (GUATTARI, 1990, p. 18). Segundo o autor, há uma incapacidade das forças sociais e das formações subjetivas já constituídas de se apropriar do desenvolvimento técnico-científico para usá-los em favor da espécie humana como conjunto.

Assim, a teoria de Lévy e as propostas de Guattari podem se cruzar ou, em alguns aspectos, andar paralelamente no sentido de visualizar – às vezes de forma bastante otimista – como pode se dar esse novo momento que a humanidade vive.



### 3.2.1 Novas referências e a questão da identidade

A teoria da Inteligência Coletiva, de Pierre Lévy, foi escrita em 1994, nos primeiros anos da Internet como se conhece atualmente. Apesar disso, e de ser bastante utópica a respeito dos efeitos da inserção de tecnologias digitais na sociedade, o autor foi também bastante visionário. Ele lança uma visão antropológica sobre o ciberespaço falando sobre o que chama de engenharia do laço social<sup>11</sup>, “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (LÉVY, 1998, p. 32). Para compreender as mudanças que vem acontecendo com o surgimento do ciberespaço, o autor discorre sobre aspectos éticos, econômicos, tecnológicos, políticos e estéticos.

A teoria (e também projeto, como ele explica) da inteligência coletiva prevê o surgimento de um novo espaço antropológico – sistema de proximidade próprio do mundo humano, que é dependente de técnicas, significações, linguagens, culturas, convenções, representações e emoções – o espaço do saber (LÉVY, 1998, p. 22).

São quatro os espaços antropológicos: o primeiro é a própria Terra, onde a identificação acontece por vínculos com o cosmos e com outros seres humanos. O nome é a inscrição simbólica que o define. O segundo é o território, que inicia no neolítico, com a agricultura, a cidade, o Estado e a escrita. É o início do sedentarismo, em que o ser humano começa a se fixar em espaços delimitados e assim criar identidades a partir de um local. O endereço é a inscrição simbólica desse espaço. O terceiro deles surge no século XVI com a invasão do que vem a ser chamado de América pelos europeus, quando se iniciou a criação de um mercado mundial – o espaço das mercadorias. O que organiza esse espaço são os fluxos. De energia, mercadoria, pessoas, informações. Essa terceira forma de definição de identidade se dá através do trabalho, da profissão. Lévy busca desvendar o surgimento desse novo “espaço do saber”. Segundo ele, vive-se uma “crise atual dos pontos de referência e dos modos sociais de identificação” (LÉVY, 1998, p. 24), um indicativo de que algo novo está surgindo.

Já Guattari (2001) afirma que este é o momento em que se deve encarar o estado de fato das coisas e passar à prática, à construção de novas formas, que acontecem em composição com os aspectos técnicos da sociedade. Para isso, ele propõe a mudança de um paradigma científico, como o que está colocado, para um paradigma ético-estético, o que exige uma mudança também de alguns termos usados para se referir aos acontecimentos. O

---

<sup>11</sup> Por laço social, Lévy (1998, p. 41) entende aquilo que “jamais se automatizará completamente, o que é ‘relacional’”.

autor explica que temos dois modos de apreensão de um fato psíquico: pelo conceito e pelo afeto, percepto, e que essas formas são complementares. Assim, o discurso é sempre portador de uma não discursividade – isto é, o fato psíquico e o agenciamento de enunciação que lhe dá corpo não se separam, o que anula as oposições e gera um processo de construção e reconstrução de universos de referência.

Nesse sentido, o autor diz que antagonismos dualistas que há pouco tempo ainda eram bem definidos (Leste x Oeste, mundo desenvolvido x terceiro mundo, entre outros) contribuíram com a bipolarização da subjetividade. Esses campos, entretanto, encontram-se atualmente cheios de contradições e tensões, o que traz o debate sobre o declínio dessa forma de pensamento e o direcionamento para um mundo multipolar. Para isso, há um paradoxo a se resolver: o alto grau de desenvolvimento de tecnologias capazes de solucionar problemas sociais, ecológicos, existindo concomitantemente à incapacidade de apropriação dessas técnicas pelos indivíduos e grupos humanos de forma a equilibrar os desequilíbrios. Nesse sentido, o autor afirma que “uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõem para orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas”, além de destacar a importância de que seja reconhecido o “caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real” (GUATTARI, 2001, p. 24).

Assim, retoma-se a ideia de “espaço do saber”, que Lévy aponta como o lugar onde a inteligência humana e o *savoir-faire* (saber fazer) são reconhecidos como o centro do funcionamento social. Esse deslocamento acontece pela conjunção de vários fatores:

“à velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas (as do ciberespaço) que podem fazer surgir, por trás do nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas” (LÉVY, 1998, p. 24).

Lévy fala sobre identidades singulares em 1994. Considerando a velocidade com que as tecnologias digitais se modificam e que imprimem ao processo de transformação social, a visão de Guattari, em 2001, se desloca para outra linguagem, processo que o próprio Lévy aponta como necessário para o desenvolvimento da inteligência coletiva. Guattari já não pensa no surgimento de novas identidades, mas sim nas várias intensidades e vetores que se repositionam e se reconstróem a cada instante, a partir de territórios existenciais e de universos incorporais desterritorializados (GUATTARI, 2001), isto é, o conjunto de forças de toda natureza que agem na produção da subjetividade.

### 3.2.2 Desterritorialização

O espaço do saber surge em um cenário de nomadismo, onde ocorre uma desterritorialização em função do que o autor chama de crescimento exponencial dos usuários da comunicação digital, que passam a interagir a distância, criando um ciberespaço<sup>12</sup>, onde as paisagens se modificam a todo momento. A transformação é acelerada, seguindo o ritmo da transmissão de dados digitais. Ele exemplifica: “mesmo que consigais por vossa própria conta alcançar a imobilidade, a paisagem continuará a fluir, girar em torno de vós, a vos infiltrar, a transformar-vos a partir de dentro” (LÉVY, 1998, p. 15). Guattari (2001) diz que a desterritorialização deverá acontecer no deslocamento para novos sistemas e pólos de valorização, de forma, ao mesmo tempo, brutal e suave, o que gera um processo construtivo, a partir do qual surgem novas “nacionalidades desterritorializantes”, tais como a música e a poesia.

O momento que se vive é o de ressingularização, segundo Guattari. É uma nova lógica, que ele chama de “eco-lógica”, na qual os indivíduos não mais “resolvem” os contrários, pois é justamente essa diferença que passa a ser valorizada. Ao mesmo tempo, os indivíduos “voltam a trocar entre si pensamentos isolados” (LÉVY, 1998, p. 17), e assim podem encontrar sujeitos ou coletivos com interesses em comum, que passam a se construir colaborativamente, criando uma inteligência coletiva. A internet é, assim, uma condição técnica para o desenvolvimento dessa capacidade natural do ser humano, que não se desenvolveu até agora por falta de linguagem apropriada.

Nesse sentido, Guattari (2001), já não estabelece essa fronteira definida e bem circunscrita entre sujeito, coletivo, objeto, máquina. Para o autor, todos esses vetores funcionam conjuntamente para a formação de um agenciamento coletivo de enunciação, a expressão de uma matéria heterogênea que une elementos humanos, não-humanos, estéticos, biológicos, extralinguísticos, etc. e, assim, torna possível a existência e expressão das singularidades que o compõe. Assim, não se trata de um uso da técnica pelo ser humano, mas da composição entre todos os elementos heterogêneos envolvidos no processo, que formam um agenciamento de enunciação.

### 3.2.3 Novos universos de valor

---

<sup>12</sup> Por ciberespaço, Lévy entende “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, que é fluido, navegável, aberto, virtual.

A emergência de formas de existência que rompem com separações até então vigentes fazem com que algumas mudanças se façam urgentes, como a reinvenção da democracia e das formas de trabalho. Lévy (1998) afirma que “não basta mais identificar-se passivamente com uma categoria, uma profissão, uma comunidade de trabalho; é necessário ainda engajar a singularidade, a própria identidade pessoal na vida profissional” (LÉVY, 1998, p. 21). No regime assalariado, a força de trabalho é vendida de forma quantitativa, já na inteligência coletiva, começa a se construir um modo de funcionamento econômico que valoriza direta e qualitativamente as atividades do indivíduo, o que se manifesta por meio de produtores independentes e pequenas equipes. Dessa forma, desloca-se o espaço de reconstrução das formas de existência, que passa menos por reformas de cúpula, sobre as quais não se tem alcance, do que

pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade (GUATTARI, 2001, p. 44).

O espaço do saber é um espaço da valorização da subjetividade, da singularidade de cada um que dele participa. Grande parte dos estudos teóricos feitos ao longo da pesquisa aponta para um processo de redefinição de valores que está em curso. Rodrigues (2001, p. 145) aborda a ideia de valor como “quaisquer objectivos para obtenção dos quais os indivíduos e os grupos estão dispostos a renunciar a algo”. Trata-se das prioridades de cada indivíduo ou grupo. A crise das referências, a que Lévy se refere, torna-se catalisadora dos processos aqui descritos. Guattari, por sua vez, se dispõe a pensar nas formas de produção desses novos valores, que, para ele, são valores existenciais e de desejo.

Já Lévy acredita que a produção de subjetividade tornar-se-á, no século XXI, a principal atividade econômica, retomando as ideias desenvolvidas no segundo capítulo. Nesse sentido, Rogério da Costa (2008) pensa a inteligência coletiva conjuntamente com os conceitos de comunicação, capitalismo cognitivo e micropolítica, e propõe uma “leitura ativa” da teoria da Inteligência Coletiva. Segundo ele, na esfera da comunicação, as redes digitais popularizam as ações colaborativas. As redes colaborativas ecoam no mundo do trabalho imaterial<sup>13</sup>, refletindo em mudanças organizacionais. Como já abordado, a produção econômica do capitalismo contemporâneo se funda em capitais subjetivos, logo, fazer rede se

---

<sup>13</sup> Costa (2008) se refere ao conceito de trabalho imaterial cunhado por Antonio Negri e Michael Hardt (2005) que se caracteriza por envolver as dimensões cognitivas (conhecimento), afetivas (cuidado) e comunicativas (informação), que envolve a subjetividade dos indivíduos e se torna difícil de mensurar.

torna “sinônimo de produção de valor econômico pela atividade colaborativa das inteligências dos indivíduos” (COSTA, 2008, p. 63).

Costa lança o olhar sobre a apropriação da inteligência coletiva, isto é, das capacidades criativas dos indivíduos, pelo capitalismo cognitivo. Busca-se, através do estímulo à cooperação e ao “fazer rede generalizado” (COSTA, 2008, p. 64), o lucro. Nesse cenário, o autor entende que a inteligência coletiva funciona antes como uma forma de resistência à possibilidade de alienação do que como motor desse novo formato do capitalismo. Para compreender essa ideia é preciso explorar algumas implicações dessa forma de trabalho chamada de imaterial.

No campo do trabalho imaterial, o limite de exploração já não é visível como quando se trata da exploração de recursos naturais ou da capacidade de trabalho físico do corpo humano, e talvez isso esteja sendo explorado ele de forma não sustentável: as pessoas refletem, imaginam, elaboram ideias e alimentam debates o tempo inteiro (Costa, 2008).

Para que a inteligência coletiva seja resistência, Costa afirma que é preciso haver um trabalho de “construção de si” em detrimento do “uso de si”. Guattari (2001) ajuda a pensar sobre isso quando diz que a ressingularização é uma eterna reconstrução e recomposição, onde nada está dado e os territórios existenciais se constituem em abertura processual, como um retorno constante ao estado de nascimento. Esse processo se dá em todos os âmbitos da vida, e convoca uma mobilização dos indivíduos e dos conjuntos sociais no sentido de vivenciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas com critérios que não sejam o do rendimento e do lucro. Segundo Costa, “cargos e funções revelam uma forma de organização que procura prescindir da singularidade das relações” (2008, p. 66). Porém, quando se trata de atividades subjetivas, que dependem de uma composição com o outro e só existem quando em relação a alguém, essa construção de si se dá justamente no momento da relação, em se perceber existindo onde ela acontece. A partir disso, emerge a inteligência coletiva como resistência.

O que permite a existência da inteligência coletiva é o fato de se ver dentro de uma rede de relações onde se depende da composição com outros indivíduos e que, simultaneamente, entende-se que eles também dependem de sua participação (COSTA, 2008, p. 66).

A proposta de Costa vê a inteligência coletiva quase como uma consciência, um acordar do indivíduo não somente em relação a si próprio, mas “à consciência *no* indivíduo de sua *rede de sustentação subjetiva*” (2008, p. 67), fundada na construção de confiança, na integração de simpatias, no trabalho afetivo, a partir do qual se formam redes sociais e comunidades.

Chega-se assim ao âmbito político, sobre o qual Lévy relembra a forte relação entre a infraestrutura de comunicação e as tecnologias intelectuais com a política e a economia, como, por exemplo, a ligação entre o surgimento da escrita e os primeiros Estados burocráticos de hierarquia piramidal e de gestão econômica centralizada ou ainda a influência da imprensa na formação da opinião pública, sem a qual a democracia moderna não teria nascido. Da mesma forma ocorre hoje em dia. Para o autor, as tecnologias digitais permitem um aprofundamento e reinvenção da democracia, que viria a passar de um modelo representativo a um modelo direto e em tempo real, onde o debate se constrói e reconstrói coletivamente. O ciberespaço cria condições para que a sociedade passe a “adotar estruturas de organização que favoreçam uma verdadeira socialização das resoluções de problemas” (LÉVY, 1998, p. 62).

Já para Guattari (2001), é nos “meios mais minúsculos” que acontece a reconquista da autonomia criativa. A visão de Lévy tem maiores dimensões: ele fala sobre o surgimento de uma “ágora virtual”, que teria o papel de contribuir para a produção de um agenciamento coletivo de enunciação. Essa democracia direta em tempo real possibilitada pelo ciberespaço tem o objetivo de constituir um “nós” mais rico, que possa contribuir no desafio de enunciar em nome de coletivos. Segundo Lévy, o modelo musical que representaria esse agenciamento é o “coral polifônico improvisado”, que permite a expressão singular de cada um, levando à manifestação da complexidade de cada grupo. Não há a intenção de que não haja uma mediação nesse processo, mas ela se dá de forma mais imanente e menos transcendente no momento em que ocorre por uma ferramenta eletrônica, que deforma o menos possível o enunciado individual, recalculando constantemente o “discurso-paisagem” do grupo em questão, em contraponto à mediação transcendente, em que os mediadores são vistos como representantes, deuses, mitos.

Enfim, Lévy (1998, p. 82) diz que o problema político da contemporaneidade se desloca de lugar: a questão já não é tomar o poder, “mas aumentar as potências do povo ou de quaisquer grupos humanos” na busca de um povo em potência, em gestação, e não de um povo soberano, fetichizado.

### **3.2.4 Coletivos inteligentes**

Segundo a teoria de Lévy (1998), a comunicação digital e a informática não têm o objetivo de criar uma inteligência artificial ou até de substituição do ser humano, como muito se fala, mas visa principalmente à criação de condições para o desenvolvimento e ampliação das capacidades cognitivas e sociais que dão origem a coletivos inteligentes.

Através das ferramentas do ciberespaço, o autor diz que é possível promover uma reinvenção do laço social para que se crie uma “civilidade desterritorializada” (LÉVY, 1998, p. 27), em que relação com o outro, questionamento essencial da antropologia, passa por mudanças éticas.

As consequências éticas dessa nova instituição da subjetividade são imensas: quem é o outro? É alguém que sabe. E que sabe coisas que eu não sei. O outro não é mais um ser assustador, ameaçador: como eu, ele ignora bastante e domina alguns conhecimentos. Mas como nossas zonas de inexperiência não se justapõem ele representa uma fonte possível de enriquecimento dos meus próprios saberes. Ele pode aumentar meu potencial de ser, e tanto mais quanto mais diferir de mim. Poderei associar minhas competências às suas, de tal modo que atuem melhor juntos do que separados (LÉVY, 1998, p. 27).

Na perspectiva da ecologia social de Guattari (2001), trata-se da reconversão qualitativa da subjetividade primária dos indivíduos. São apresentadas duas opções: 1) a triangulação personológica da subjetividade (exemplo: pai-mãe-filho), em que “eu” e o “outro” são construídos a partir de identificações e imitações, ou 2) a constituição de grupossujeito auto-referentes, que se abrem amplamente ao socius e ao cosmos, processo no qual destacam-se as “semióticas processuais” em detrimento de “semiologias de modelização icônicas”, valorizando o “traço diagramático” mais do que os sistemas identificatórios. Em comparação com o ícone, o traço diagramático é caracterizado pelo seu grau de desterritorialização e capacidade de sair de si para criar “cadeias discursivas conectadas com o referente” (GUATTARI, 2001, p. 45).

Esses processos descritos buscam uma relação menos polarizada entre o eu e o outro. É um caminho de mão dupla: busca-se a ressingularização e desenvolvimento da capacidade de auto-referência para que indivíduos e grupos passem a se perceber em um cenário móvel, adaptável, flexível, que permite e possibilita a expressão da sua subjetividade, o que só é possível quando se percebe o outro também como ser subjetivo. Assim, com o suporte das tecnologias digitais, a inteligência coletiva, buscando a valorização das qualidades humanas, espalha-se por toda parte e atua em tempo real, o que gera uma mobilização efetiva das competências. Isso permite que coletivos mal situados possam navegar em uma “paisagem móvel de significações” (LÉVY, 1998, p. 29) que modifica seus sentidos incessantemente, além de incentivar, a partir do reconhecimento e valorização, a inserção de outras pessoas em projetos coletivos.

Lévy (1998) destaca que a evolução das técnicas contemporâneas, especialmente as de comunicação, sugerem enfoques que não poderiam ser visualizados há alguns anos. Para explicar a mudança que ocorre, o autor diferencia dois tipos de técnicas: as molares e as moleculares. As técnicas molares percebem as coisas em massa, às cegas, de maneira

entrópica. Já as tecnologias moleculares são rápidas, precisas, agem na escala das microestruturas, reduzindo desperdícios.

Assim, ele explica que o ser vivo tende a modos de ação precisos, econômicos, qualitativos, adaptando-se ao caminhar das situações. Lévy, ao tratar da constituição de coletivos humanos, propõe que se olhe para as formas de organização econômica e social a partir dessa perspectiva, de uma forma molecular. As famílias, clãs e tribos são grupos que se constituem organicamente, já os Estados, instituições, Igrejas, grandes empresas são grupos que passam por exterioridades ou transcendências para se manterem. Esses últimos continuam trabalhando com tecnologias molares, burocráticas, duras.

A organicidade de um grupo depende da proximidade entre seus membros, que carregam os princípios organizadores no corpo da própria comunidade, na interação e na relação de cada um com todos, e não como uma regra fixa e reificada. Nesse sentido, a comunicação em grupos organizados por tecnologias moleculares remete à ideia de autogestão, já que “cada um pode interagir com todos, sem ter necessidade de passar por especialistas de mediação ou da organização” (LÉVY, 1998, p. 55), o que só se torna possível com a existência do ciberespaço. Guattari (2001) pensa que a sociedade caminha na direção de uma era pós-midiática, em que indivíduos e grupos se reapropriam da mídia para gestá-la em uma via de ressingularização. Esse processo, segundo o autor, se torna possível por alguns fatores já dados, entre eles, a evolução tecnológica da mídia e a redução de tamanho e custo de seus dispositivos, além da recomposição de processos de trabalho sobre os “escombros” do sistema de produção industrial.

Assim, pensa-se em formas diferentes que sociabilidade. Lévy propõe fases da dinâmica da cidade inteligente. A primeira é a escuta do ambiente, de si mesmo, da variedade interna. Logo após, vêm a expressão, a decisão e a avaliação que são feitas conforme os modos de funcionamento explicados até então e fortalecem a responsabilidade de cada um pelo processo. A quinta fase é a da organização, que se relaciona bastante com a presente pesquisa. A organização consiste em distribuir funções, dividir tarefas e reagrupar forças e competências. Para que aconteça de forma eficiente, é preciso que essa fase já tenha absorvido claramente as fases anteriores. A identificação de centros de competência e recursos é papel fundamental da organização e facilita as conexões e cooperações.

O que diferencia as organizações da cidade inteligente das que funcionam de forma molar é o “seu complemento desorganizador: a conexão transversal”, onde ocorrem “o impulso inicial das circulações, a dobra, a redobra e o desdobramento de si em um espaço de proximidades de sentidos e das relações humanas” (LÉVY, 1998, p. 72). Visto de fora, esse



momento pode ser considerado uma simples desorganização, mas ele se torna auto-organizado por se fundar nas fases anteriores de escuta, expressão, decisão e avaliação, quando se tornam visíveis à singularidade de cada molécula e aos processos em curso.

A sexta fase é a conexão, sobre a qual o autor explica que:

um dos objetivos da democracia em tempo real é instaurar o mercado mais transparente possível de ideias, argumentos, projetos, iniciativas, especialidades e recursos a fim de permitir que as conexões pertinentes se estabeleçam o mais rápido possível e ao mais baixo custo (LÉVY, 1998, p. 72).

A conectividade, assim, é ponto fundamental para o desencadeamento dos processos aqui descritos, sejam eles políticos, econômicos, sociais, éticos, estéticos ou todos esses de forma inseparável, e para dar origem à última fase, da visão global, aqui vista como movimento emergente das interações coletivas, da comunicação, da sociabilidade que se dá em rede.

## 4 METODOLOGIA E A ASSOCIAÇÃO CULTURAL PARALELA

### 4.1 Procedimentos metodológicos

As mudanças acarretadas pela tecnologia digital são especialmente sentidas no campo da comunicação, já que as práticas comunicacionais passam por uma grande aceleração. Essa aceleração abre muitas possibilidades, gerando um ambiente de experimentação e de novas práticas em todos os campos, inclusive os de produção de conhecimento e de bens simbólicos (MALDONADO, 2008). O processo decorrente das mudanças produtivas/comunicacionais contemporâneas, descritos teoricamente ao longo do trabalho, portanto, podem ser notados também nesta pesquisa.

Compreendendo a pesquisa como um processo que se constrói em um caminhar e não traz conclusões definitivas dos acontecimentos analisados, entende-se que a investigação exploratória é uma das principais dimensões do trabalho. Essa fase permite o delineamento do problema, que surge de uma curiosidade pouco específica e precisa de contornos para que sejam aprofundados os conhecimentos teóricos e metodológicos que guiarão a pesquisa (LOPES, 2008). Lopes ainda explica que cada pesquisador deve encadear técnicas que se adequam melhor ao problema e ao objeto em questão, e que o momento exploratório é fundamental para essas decisões.

Nesta pesquisa, o envolvimento direto da pesquisadora com a Associação a ser investigada poderia sugerir que esse momento exploratório não seria tão importante. Entretanto, o que se mostrou foi justamente o contrário, pois, a partir do delineamento do problema, passa-se a buscar especificidades do processo do qual se faz parte, para então compreender o encadeamento de cada situação, onde se “localizam” dentro desse movimento, como se articulam e como isso dá origem aos fenômenos que serão observados, fazendo surgir olhares totalmente novos e questionamentos aprimorados da situação supostamente conhecida. Como explica Machado (2008), quanto mais perspectivas forem observadas, mais pistas surgirão, gerando uma desnaturalização do olhar.

A vertente de pesquisa utilizada será qualitativa, buscando compreender interações e experiências que se dão no seu contexto natural, dando espaço à particularidade de cada situação. O procedimento qualitativo não tem a pretensão de estabelecer um conceito bem definido ou formular hipóteses prévias, mas sim de desenvolvê-las ao longo do processo, que leva em conta a capacidade de reflexão do pesquisador. Além disso, as pesquisas qualitativas

se baseiam muito na escrita, que é “processada” de forma analítica, dando origem a dados qualitativos para a pesquisa (GIBBS, 2009)

É preciso lembrar que qualquer tipo de análise, seja quanti ou qualitativa, é reducionista. Trata-se de uma redução da complexidade do real para que possa ser analisado pela perspectiva de determinada área do conhecimento, neste caso, a comunicação. Assim, buscando justamente explorar essa complexidade, escolhe-se a perspectiva que a reduz menos.

#### **4.1.1 Estudo de caso**

Não há consenso sobre a origem do estudo de caso como metodologia de pesquisa, mas sabe-se que sua difusão se liga à prática da psicoterapia pela reconstrução da história do indivíduo, assim como ao trabalho de assistentes sociais (VENTURA, 2007). Hoje ele é utilizado por diversas áreas do conhecimento.

Atualmente, é um método bastante utilizado nas ciências sociais, geralmente em pesquisas qualitativas. Referência importante na bibliografia sobre estudo de caso, Robert Yin (2005, p. 32) define o estudo de caso como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

O autor recomenda que o método seja usado para responder a questões que buscam respostas do “como” e do “por que” dos acontecimentos, quando o pesquisador tem pouco controle sobre eles e quando o foco é em fenômenos contemporâneos. Ele ainda diz que duas fontes de evidência são importantes para realizar esse tipo de estudo: a observação direta e entrevistas.

Já Stake (1994, p. 236 apud DUARTE, 2009, p. 216) diz que a opção pelo estudo de caso trata-se mais de uma escolha do objeto de pesquisa do que uma opção metodológica. Assim, ele explica que o objeto deve ser específico, como pessoas, organizações ou países, e não generalidades.

Ventura aponta o método como de grande utilidade para pesquisas exploratórias, para fases iniciais de pesquisas com temas complexos – quando auxiliam na formulação de hipóteses e também na reformulação do problema de pesquisa –, para a exploração de novos processos ou comportamentos, já que contribui para a criação de hipóteses e teorias e para pesquisar fenômenos que envolvem “grande variedade de fatores e relacionamentos que

podem ser diretamente observados e não existem leis básicas para determinar quais são importantes” (VENTURA, 2007, p. 385).

É preciso considerar que o estudo de caso não busca somente uma compreensão do caso em si, mas também fazer apontamentos a respeito do todo, percebendo o objeto como uma parte representativa desse universo. O método também tem suas limitações. A mais grave delas parece ser a dificuldade de generalização científica dos resultados obtidos, no sentido de que oferece pouca base para tal. Nesse sentido, Duarte (2009, p. 221) afirma que os estudos de caso funcionam como experimentos que “são generalizáveis a proposições teóricas, e não a populações ou universos”, como é o caso de experimentos de laboratório, por exemplo.

#### **4.1.2 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica é o método de “coleta de dados” teóricos, que acaba se mostrando muito mais rico e complexo do que se pode presumir pelo termo “coletar dados”. A pesquisa bibliográfica exige uma recomposição constante do pensamento, já que cada informação teórica mostra novos caminhos possíveis para a evolução da pesquisa. Stumpf (2009) dá uma definição ampla da pesquisa bibliográfica como planejamento global inicial de qualquer pesquisa

que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2009, p. 51).

A autora explica que a motivação para pesquisar surge da própria vida de quem pesquisa. A partir dessa motivação, busca-se aprofundar o conhecimento sobre o assunto, processo que geralmente aponta “furos” naquele conhecimento e possibilita a relação entre conceitos e entre os conceitos e o tema da pesquisa. A pesquisa bibliográfica é fundamental para a construção ou aperfeiçoamento do problema de pesquisa, a partir do qual devem ser aprofundados conceitos-chave e a relação entre eles. Stumpf (2009) aponta alguns aspectos importantes para a realização de uma boa pesquisa bibliográfica como a elaboração de palavras-chave, a tradução desses termos, a delimitação de período e área geográfica.

Esses procedimentos visam à seleção das fontes, que se torna um desafio na contemporaneidade pela quantidade de informações a que se passa a ter acesso a partir dos bancos de dados digitais. Para essa pesquisa, foram utilizados meios físicos e digitais de pesquisa. A consulta a referências bibliográficas de autores significativos para o tema de

pesquisa mostrou-se bastante eficaz. Foram feitos fichamentos dos estudos pesquisados e, assim, estabelecidas conexões entre conceitos e teorias, a partir do qual se redigiu o texto.

Inicialmente, desenvolve-se noções organizacionais e estratégicas desenvolvidas pela Associação e que são parte constituinte da estrutura e da comunicação em rede. Em seguida, aborda-se algumas noções de redes sociais na internet, seguidas de reflexões sobre como são produzidas inteligências e subjetividades na contemporaneidade, que encontram um espaço de expressão nas noções já abordadas da organização, assim como nas redes digitais. São processos que se retroalimentam e complementam, colocados aqui de forma linear em função da estrutura narrativa.

#### **4.1.3 Pesquisa documental**

Foi utilizada a técnica de pesquisa documental, especificamente, na consulta ao Estatuto da Associação, disponível *on-line*. Moreira (2009) diz que existem fontes primárias e secundárias de informação documental, dentre as quais os documentos oficiais se encaixam nas fontes primárias, como é o caso aqui. A técnica foi utilizada para compreender os objetivos institucionais da organização estudada, que influenciou em decisões sobre caminhos teóricos a serem seguidos. A autora também destaca a necessária apuração de dados que complementem a pesquisa documental.

#### **4.1.4 Entrevista**

Foi realizada entrevista em um modelo semi-estruturado e com questões semi-abertas (DUARTE, 2014, p. 65) com Vicente Lopes Pires, membro da Associação que mantém grande envolvimento com a gestão do espaço, fazendo parte do Conselho Fiscal da Associação e participando, também, como usuário do espaço *coworking*, e com Sandra Cecília Peradelles, membro da Associação há pouco tempo, que participa da produção de outras atividades culturais na cidade e que, inicialmente, frequentava a Paralela sem participar diretamente da Associação.

As entrevistas foram divididas em duas partes: a primeira, sobre como acontece a comunicação via rede social da internet, em função da impossibilidade de análise de um grupo secreto do Facebook por questões éticas e burocráticas. Na segunda parte, foram abordadas questões mais gerais sobre o funcionamento do espaço e das relações entre os membros da

Paralela. Foram estabelecidas perguntas que guiaram a entrevista, porém algumas foram melhor desenvolvidas ou esclarecidas à medida que surgia a necessidade.

A entrevista é fundamental na realização dessa pesquisa por constituir “uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema” (PÁDUA, 2000, p. 66), além de ser eficiente para pesquisas sobre o comportamento humano e sobre as percepções subjetivas da realidade. Demo (DEMO apud DUARTE 2014, p. 62) explica que o método é eficiente para pesquisas qualitativas, “pois os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade”.

Segundo Duarte (2009), a utilização como método científico, a validade e confiabilidade de uma entrevista estão atreladas ao rigor metodológico com que é feita. Os critérios e ponderações na seleção das fontes são fatores de grande relevância e devem buscar informantes que possam responder seguramente às questões sobre o tema de pesquisa.

As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma sistemática para a posterior análise de dados através da análise de conteúdo.

#### **4.1.5 Observação simples não participante**

A observação é um elemento fundamental de qualquer pesquisa. Ela pode ser vista como uma técnica de coleta de dados, mas também como um método de investigação, que acontece desde a formulação do problema de pesquisa, até a específica observação para gerar dados que serão analisados. A observação é a prática que se vale dos sentidos para adquirir conhecimentos e, se feita de forma sistemática, com objetivos delineados, torna-se importante procedimento científico (GIL, 2010).

Foi feita a observação de uma reunião presencial da Associação. Para isso, foram definidas quatro grandes categorias de análise: a) comunicação presencial, b) meios virtuais e c) conteúdo/prática, d) impressões sobre o ambiente. Dentro de cada uma dessas categorias, foram analisados diversos critérios, como a) atores que participam mais ou menos, como se organiza a fala, como acontece o fluxo de ideias, quem faz conexões pra dentro ou fora da Paralela e quais são essas conexões; b) encaminhamentos feitos pela internet, como a rede social é utilizada na reunião, como outras plataformas on-line são utilizadas, quantos dispositivos (computadores, notebooks, tablets, smartphones) participam da reunião; c) valores e ideais que norteiam, como são tomadas decisões, como a rede é sustentada; d) impressões sobre o ambiente, as relações e a produção criativa do grupo.

Um ponto forte da observação como técnica, segundo Gil (2010), é o contato sem intermediários com a situação a ser pesquisada. O autor aponta como ponto frágil a forma como serão feitas as interpretações, isto é, o significado dado sobre a observação. Por isso, é importante que o pesquisador conheça previamente a cultura do grupo estudado. Nesse sentido, o contato anterior da pesquisadora com o espaço traz a possibilidade de melhor interpretar os dados.

As informações foram anotadas no momento da reunião – explicitando a presença da pesquisadora no local – conforme os critérios estabelecidos, analisadas conjuntamente com os dados das entrevistas e interpretadas com base nas teorias exploradas. Segundo Gil (2010), a observação é importante em estudos exploratórios, quando os objetivos não são claramente especificados. Assim, algumas impressões foram registradas sem categoria prévia e deram origem à categoria “impressões sobre o ambiente”, entendendo o ambiente da reunião a partir da proposta de agenciamentos coletivos de enunciação, de Guattari (2001), um amontoado heterogêneo de vetores que dão vazão a subjetividade de indivíduos ou coletivos.

#### **4.1.6 Análise de conteúdo**

A análise de conteúdo é um método de análise de dados que busca o sentido ou os sentidos de um documento ou fala. Para Bardin (1977), esse é um método utilizado para analisar comunicações de forma objetiva e sistemática. A própria autora, porém, reconhece que a técnica não se resume a isso, destacando a inferência como a intenção da análise de conteúdo. Nesse sentido, o campo semântico – isto é, do sentido dos textos – é muito importante para a aplicação do método.

Para Franco (1986 apud CAMPOS, 2004, p. 612), a análise de conteúdo tem dois extremos, um deles seria a linguística tradicional, que já se aproxima da análise de discurso, e o outro, a hermenêutica. No território da hermenêutica, as abordagens são puramente semânticas, podendo ser psicológica-semântica, quando são pesquisadas as conotações que formam uma imagem ou enunciado, ou semântico estruturais, aplicadas a universos maiores, como os psico ou sócio-semânticos. No centro, entre a linguística e a hermênutica, encontram-se as abordagens lógico-semânticas, que Campos (2004, p. 612) explica com clareza: “se o alcance da análise de conteúdo é de um classificador, assim sendo, a classificação é lógica, segue parâmetros mais ou menos definidos e o analista se vale de definições, que são problemas da lógica”.

A análise que será feita se move entre as abordagens lógico-semântica e hermenêutica, buscando categorias lógicas a partir da produção de sentido dos enunciados, das entrelinhas, das subjetividades presentes no conteúdo, mas baseando-se no conteúdo manifesto, explícito. Campos (2004) destaca a importância de que a análise de conteúdo busque um equilíbrio entre texto/técnica e capacidade intuitiva/criatividade, evitando, de um lado, o formalismo excessivo e, de outro, a simples confirmação das ideias do pesquisador.

A primeira fase da análise é a leitura flutuante do texto, quando ele é explorado de forma despreocupada, deixando-se tocar por impressões que se relacionem com o objetivo da pesquisa. Em seguida, definem-se as unidades de análise ou unidades de significado. Campos (2004) destaca a intensa interdependência entre o material estudado e o pesquisador, que determina as unidades temáticas levando em consideração fatores também interdependentes como os objetivos do trabalho, as teorias estudadas e a intuição do pesquisador. O autor destaca que as categorias são definidas por critérios como freqüenciamento – repetição de termos e conteúdos, levando em conta a noção de complementariedade entre abordagens quanti e qualitativas da análise de conteúdo – e a relevância implícita – tema que não se repete, mas traz em si grande possibilidade de exploração para alcançar os objetivos da pesquisa. Para o autor, as duas modalidades também não são excludentes.

A codificação das categorias possibilita melhor visualização do material coletado e foi feita por cores e números. Para cada uma das quatro categorias foi determinada uma cor e a partir da leitura do texto, foi-se demarcando quais informações seriam analisadas por determinada categoria. Quanto aos números, foram utilizados no caso da repetição frequente de alguns termos ou ideias, que levam a uma percepção dos fundamentos que guiam a atuação dos entrevistados.

As unidades de análise dessa pesquisa foram definidas de forma não apriorística (Campos, 2004), isto é, emergiram a partir da obtenção, leitura e contexto do material. Foram definidas junto às categorias utilizadas para observação (comunicação, meio virtual, conteúdo/prática e impressões sobre o ambiente).

## **4.2 A Associação Cultural Paralela**

A Casa Paralela surge em junho de 2012, mas para compreender sua origem é preciso olhar para coisas que aconteceram antes disso. No porão da casa ao lado da Paralela (da avó de Leonardo Mattos, um dos idealizadores do espaço), ele e alguns amigos começam a se reunir para ensaiar com suas bandas. Com o tempo, monta-se um estúdio improvisado e



bandas de outros amigos passam a ensaiar no local, quando convidavam pessoas para assistirem aos ensaios.

Por ter feito parte dessa movimentação inicial, que começou em 2005, passando por grandes intervalos e vindo a se tornar frequente só em 2011, a pesquisadora percebe a fundamental importância da simbólica ocupação do espaço através de escritos na parede, registrando pessoas, pensamentos, sentimentos, acontecimentos que por ali passaram, e conferindo ao “espaço” um caráter de “lugar” ou “casa” para quem o frequentava.

A partir da realização de um bazar nesse porão, em 2011, em que participaram artistas e artesões independentes, músicos que tocam improvisadamente ao longo do dia, enquanto são comercializadas comidas e bebidas, e da disponibilidade da casa ao lado para aluguel, decide-se ampliar a ideia. O nome “Paralela” surge por ser a “casa paralela” ao porão. A música, a economia criativa e o bar estão presentes desde o seu surgimento, portanto. A Paralela é alugada por iniciativa de cerca de seis pessoas, membros das bandas Dones Primata, Catavento e do coletivo Manifestasol, realizador de um festival de artes integradas anualmente na cidade.

A Paralela surge no contexto artístico/cultural de Caxias do Sul, uma cidade de 435 mil habitantes<sup>14</sup> (IBGE, 2010), em que os espaços disponíveis para músicos trabalharem, por exemplo, praticamente se resumiam a bares e casas noturnas com ênfase bastante comercial – o que tem grande importância, porém mantém a relação de contratante-contratado, e não estabelece uma abertura criativa de forma coletiva. É preciso, também, destacar o grande desenvolvimento de música autoral na cidade, para o qual sempre houve uma carência de espaço para difusão.

A Casa, inicialmente, funcionava esporadicamente, realizando eventos com bandas locais que eram “pagas” por contribuição espontânea do público em uma caixa que circulava durante o show e hospedando artistas que vinham de outras cidades para trabalhar. O aluguel era pago com a locação de um quarto para um morador fixo, com o faturamento do bar e com as diárias das hospedagens. Os eventos geralmente aconteciam por solicitação das próprias bandas, que buscavam divulgar seu trabalho.

Assim, começam a se reunir na Paralela artistas e públicos de várias espécies, atraídos pela movimentação boêmia e criativa que surgia. Músicos, fotógrafos, artistas plásticos (ilustradores, grafiteiros, etc.), atores, produtores de audiovisual, além de públicos em geral. A

---

<sup>14</sup> Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430510&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 02 Nov. 2015.

faixa etária é de jovens entre dezesseis e trinta anos. A partir disso, o espaço começa a funcionar como local de encontro, diálogo e conexão durante os eventos, além de proporcionar ensaios das bandas e reuniões de coletivos, uma espécie de incubadora para diversos projetos, de onde passam a surgir também novas ideias, como a banda Cuscobayo, hoje consolidada no cenário independente do estado.

As atividades aconteciam à parte de outras ocupações profissionais dos participantes que “usavam” a casa. Até esse momento, o espaço funcionava informalmente. No início de 2015, o projeto toma novas dimensões e é remodelado: estabelece-se o espaço *coworking*, que dá mais liberdade de atuação por garantir o pagamento de grande parte do aluguel, além de incentivar os próprios projetos que constroem a cena que ali se forma, permitindo a dedicação em tempo integral dos artistas/produtores envolvidos; são realizadas atividades que ampliam o horizonte de alcance da Casa, como o Bloco da Ovelha, bloco de carnaval que circula pela cidade. Surge, então, a necessidade de articular melhor a gestão, que é formalizada no formato de associação.

A partir de junho de 2015, torna-se Associação Cultural Paralela – mas continua a ser conhecida por Casa Paralela ou simplesmente Paralela –, contando com treze associados envolvidos tanto com a gestão do espaço, quanto com a produção artística e cultural a que ele dá vazão. Alguns têm envolvimento mais próximo e outros, mais distante, mas todos se envolvem de alguma forma. As atividades se intensificam, assim como o público, e passam a contemplar novas áreas como moda, terapias integrativas, permacultura. Assim surge também a necessidade de uma comunicação coletiva virtual, que passa a ser estabelecida via Facebook em um grupo e em um bate-papo só dos associados. Os documentos e planilhas que especificam informações como agenda e caixa são disponibilizados para acesso de todos associados pelo Google Drive, que permite também a edição dos documentos por qualquer um.

Desde o início, muitas mudanças ocorreram e elas continuam a acontecer de forma acelerada, remodelando constantemente as formas como o espaço funciona e trazendo também desafios para a pesquisa, que precisou ser readaptada diversas vezes. Atualmente, a Paralela funciona praticamente todos os dias com as atividades do *coworking* e realizando de um a dois eventos por semana, alguns de segunda a sexta à noite e outros, em finais de semana, eventualmente iniciando de dia.

Recentemente, foi locada uma casa que fica no mesmo terreno. As duas casas juntas contam com cinco salas para *coworking* e vários espaços compartilhados. Entre os participantes do *coworking* estão a Honey Bomb Records, selo, produtora e distribuidora

musical que trabalha com bandas locais e também de outro lugares, como uma banda da Califórnia (EUA) e outra de Colatina (ES), trabalhos que se tornam possíveis por causa da internet; a Tédio, auto-intitulada indústria projetadora de coisas transmídia, que produz de eventos que misturam narrativas integrando música, dança e internet a um desfile de moda com estilistas da cidade, alguns que nunca haviam participado de eventos do tipo; Nóia discos, loja virtual de comércio de vinil e que, há pouco, passou a ser também física, com o objetivo não só de comercializar, mas de proporcionar audições comentadas de álbuns, entre outras experiências auditivas; Antro Produções, produtora audiovisual que trabalha de forma coletiva em projetos autorais, estabelecendo parcerias, por exemplo, com bandas locais na produção de videoclipes; Atelier do Bê, espaço de produção de artes plásticas. Há também um morador fixo e uma sala destinada à hospedagem de artistas que vem de fora, às vezes para se apresentar na própria Paralela, às vezes em outro espaço da cidade. O bar continua ativo e é gerido como parte do *coworking*.

Fora o aluguel pago pelos participantes do *coworking*, os associados pagam uma mensalidade. Essas duas formas de renda são geridas à parte, e o dinheiro de cada uma é investida em situações específicas. Manutenções ou melhorias dos espaços compartilhados ou do palco, por exemplo, são responsabilidades da Associação, já a infraestrutura dos espaços de cada coletivo fica a cargo do caixa do *coworking*.

Entre os treze associados, dois fazem parte do Conselho Fiscal, formado por tesoureiro e vice-tesoureiro, e dois fazem parte do Conselho Administrativo, formado por presidente e vice-presidente. As funções de cada cargo nem sempre ficam só para os responsáveis por eles, mas funcionam majoritariamente de modo formal, como seria o caso de ter que responder como pessoa física por alguma situação.

O bazar que inaugurou a ideia e que é responsável pela divulgação de várias produções (roupas, CDs, comidas, artes diversas) tem acontecido conjuntamente com eventos de vários tipos (de oficinas de plantio urbano a campeonatos de truco) e é também itinerante, isto é, acontece em outros lugares da cidade, estabelecendo parceria com produções como o Festival Brasileiro de Música de Rua, que ocorre em um espaço público de Caxias do Sul. A programação é eclética (Imagens 2 e 3), e há o desafio que a Casa enfrenta de proporcionar o encontro entre diversos públicos, de integrar artistas que acabavam não se encontrando pela separação de bares por estilo musical, por exemplo.



Figura 2 – Flyer do Bazar do Amor



Figura 3 – Flyer do Festival de Cinema (Des)gramado

A Paralela não atua sozinha na formação do que se pode chamar de cena cultural independente e autoral, mas funciona como importante espaço para o estabelecimento de conexões entre artistas, produtores, coletivos e públicos, formando uma rede, e como suporte físico para a realização de projetos. Essa função é percebida pelo frequente espaço que as atividades que ocorrem na Casa têm ganhado na mídia tradicional local, o que se torna mais relevante ao se perceber o espaço como uma proposta alternativa ao que é hegemônico – o tradicional. É importante destacar também que esse tipo de iniciativa ocorre mundialmente e se difunde junto a ideias que emergem com as tecnologias digitais de comunicação, como o conceito de “faça você mesmo” e a busca por autonomia, que encontram condições favoráveis de desenvolvimento.

A comunicação entre os participantes acontece majoritariamente pelo meio virtual, mais especificamente pela rede social Facebook. Mesmo entre os que compartilham o espaço físico pelo *coworking*, em alguns casos, já que são duas casas e salas separadas. A Associação conta com um grupo fechado no Facebook, onde são colocadas informações sobre mudanças no espaço físico, sugestões de eventos, além de links para o “Portal da Transparência”, que usa como plataforma o Google Drive e mantém atualizadas informações de agenda da Casa, pauta, custos, documentos da Associação, entre outros. Há também um grupo de “condôminos”, que reúne os participantes do *coworking* e é utilizado na gestão do espaço. Além disso, há um chat também do Facebook que reúne os treze associados e permite comunicações mais dinâmicas.

Segundo os entrevistados, o meio virtual é predominante nas comunicações, mas, em alguns casos, ela acontece pelo telefone também. Fora isso, a Associação especificamente também se comunica nas reuniões, que não mantêm uma periodicidade e são marcadas através do grupo à medida que surge a necessidade de trazer discussões para o espaço presencial. Percebe-se, entretanto, que há uma grande frequência de comunicações entre os membros da Associação que acontecem de modo informal.

### **4.3 Reflexões e análises**

As categorias aqui definidas cruzam-se constantemente, como reflexo do próprio objeto de pesquisa: não há como falar em comunicação sem passar pela conversa sobre o meio virtual e vice-versa; assim como não é possível falar sobre o conteúdo e a prática sem falar de comunicação e virtualidade, já que ambas constituem esse conteúdo e prática. Cada uma delas, porém, traz reflexões específicas sobre uma parte do processo de comunicação em

rede e de produção de subjetividade. A proposta de discussão em cada categoria trata do todo visto a partir de diferentes pontos de vista.

#### 4.3.1 Comunicação

A noção de uma comunicação midiática que se desloca no sentido emissor - receptor perde força com a emergência das tecnologias digitais de comunicação. Os computadores de menor porte, a internet mais acessível, os layouts mais amigáveis, os sites de rede social – posteriormente – tem grande responsabilidade na mudança de paradigma que acontece na comunicação. Grande parte da geração que hoje tem entre vinte e trinta anos – e compõe o grupo de associados da Associação Cultural Paralela – já cresce com essas novas tecnologias.

Pela experiência da pesquisadora com o espaço, anterior ao estudo aqui desenvolvido, sabe-se que antes do seu surgimento, os produtores envolvidos já compartilhavam conteúdo nas redes. Inúmeros softwares, plataformas e redes sociais são e foram utilizados com esse fim, como Orkut, Facebook, MySpace, Soundcloud, Audacity; da rede social que proporciona a conversa entre amigos e compartilhamento de ideias cotidianas ao site que permite subir músicas, passando pelo software que possibilita a gravação sonora caseira, que podem ser compartilhadas com pessoas de todos os lugares. Perguntada sobre a utilização de tecnologias digitais, a entrevistada Sandra Cecília Peradelles fala sobre a geração dos produtores envolvidos com o espaço: *“já somos world wide web desde sempre, nós crescemos nisso”*.

O termo usuário-mídia, de Terra (2012) explica bem o que se estabelece a partir desse cenário: cada pessoa que tem acesso às ferramentas e ao conhecimento pode se tornar produtor, criador, remixador ou mesmo difusor das suas ideias, opinando, gerando expressão. Assim, os pensamentos e sentimentos das pessoas, que antes ficavam contidos em dispositivos analógicos, em pequenos grupos ou mesmo na cabeça de cada indivíduo – pela dificuldade ou impossibilidade de se manifestar de forma pública – são trocados, e não mais permanecem isolados, como explica Lévy (1998).

O termo prossumidor ganha relevância no contexto contemporâneo em que a informação e/ou o conhecimento são os produtos. O acesso às ferramentas suscita o desenvolvimento da ideia de “faça você mesmo”, construindo uma valorização da autonomia, bastante presente no conteúdo analisado nas entrevistas. Essas ideias e informações trocadas deixam de ser somente pensamentos soltos e passam a se desenvolver junto aos indivíduos, formando um conteúdo que não é externo a eles, como a produção da mídia de massa e da indústria cultural, mas que é fruto das subjetividades que se formam – é de autoria própria.

Esse conteúdo tem o caráter de interação, comunicação e também de produto, bem, serviço à medida que gera riquezas materiais e imateriais. Esses bens, entretanto, não são vistos como artefatos separados da vida, como explica Motta (2012), mas justamente como as condições para a produção de subjetividade através da interação. Machado (2009) fala que a perspectiva da indústria cultural, em que o consumidor é objeto e não sujeito dessa indústria, não contempla os lados morais e afetivos dos indivíduos. Nesse sentido, o conteúdo produzido na Paralela pode ser visto como a expressão singular dos indivíduos ou coletivos, que, na economia criativa, são sujeitos dessa “indústria”. Podem também ser considerados bens culturais, a partir da visão de Tolila (2007), por não poderem ser hierarquizados e mensurados, já que são subjetivos.

Este conteúdo pode, inicialmente, ser chamado de amador, mas se aperfeiçoa e qualifica com base na perspectiva de autonomia econômica – a partir da qual se ganha tempo a ser investido –, proporcionado pela gestão coletiva do espaço (o *coworking*, a rede de cooperação solidária, o próprio surgimento da Associação). Guattari (2001) destaca que para orientar as ciências e as técnicas para objetivos mais humanos, é necessária uma gestão mais coletiva das situações, assim como uma maior responsabilização em relação a elas.

É perceptível a busca por novas maneiras – mais humanas – de realizar coisas entre os integrantes da Associação. Destacam-se algumas ideias mencionadas nas entrevistas como “*encontrar caminhos onde não se tenha explorado muito*”, acrescido de “*e tentar fazer ele agregar com outras coisas*”, quando se pode perceber a estratégia de formação de rede para alcançar o objetivo de encontrar os caminhos; “*não tem um caminho descrito*”; “*dialogar com coisas que normalmente não se dialoga ou de formas que não se dialoga*” e “*está nascendo todo dia, não é algo que já está construído e engessado*”. Além disso, a sensação de crescente desinteresse e estresse em relação ao trabalho convencional, a descrença em modelos políticos e econômicos e as consequências sociais e ambientais oriundas de lógicas de funcionamento vigentes, que podem ser chamadas de molares, conforme explica Lévy (1998), servem como incentivo para que essa produção de conteúdo também seja vista como trabalho. O entrevistado Vicente Lopes Pires, por exemplo, conta que, para ele, os caminhos percorridos ali são muito diferentes do convencional, já que comparados com agências de publicidade e estúdios de design, nos quais trabalhou anteriormente.

Vista pela perspectiva do trabalho no caso da Associação, pode-se pensar a comunicação junto a Rodrigues (2001), que vê a mudança de paradigma da área como uma mudança baseada na técnica, quando as relações, a comunicação e a linguagem começam a se organizar e estruturar de modo semelhante à técnica, nesse caso, em rede. Isso dá origem a

formas de sociabilidade e comunicação reticular, que se naturalizam até o ponto em que a técnica passa a ser o modo de realizar os processos comunicacionais.

Na Associação, a comunicação acontece em um fluxo contínuo. Em encontros informais proporcionados pela convivência diária entre algumas pessoas, pelo Facebook (tanto para tratar de assuntos relacionados à gestão do espaço, quanto como relação ou laço social estabelecido no próprio espaço aberto de compartilhamento do Facebook) e nas reuniões. São muitos os fatores que compõem essas comunicações; pensando em linguagens, há a fala, o texto, a música, a fotografia, o vídeo, o próprio corpo presente no espaço; pensando em mediações, há a comunicação mediada e a não-mediada por computador; pensando em conteúdo, há os que são do âmbito das ideias no sentido artístico e os que tratam mais da gestão – ambos trabalhos criativos, retomando os vários sentidos da criatividade citados: a imaginação, a criação de formas originais de interpretação do mundo, assim como com as conexões estabelecidas para a solução de problemas.

Os vários âmbitos pelos quais a comunicação na ACP passa trazem a ideia de Guattari (2001) sobre a falsa compartimentação de alguns domínios do real. Todas essas linguagens, mediações, ideias, funcionam conjuntamente, e é justamente através desse conjunto de fatores que a expressão mais rica do espaço se forma. Nota-se uma reciprocidade de desejos e de noções estéticas compartilhadas entre os participantes (assim como de valores e ideais, que serão abordados em seguida), confirmadas na entrevista, quando Vicente fala que *“tu apresenta [uma ideia] e as pessoas, na fala, entendem o que é aquilo e já contribuem com a ideia, já trazem outras”* *“sem precisar de milhares de explicações”* ou *“defender a ideia”* e também na observação, pela rápida complementariedade coletiva das propostas trazidas.

Assim, os modos de apreensão de um fato psíquico, pelo conceito e pelo afeto e percepto, sobre os quais Guattari (2001) discorre, nos permitem ver essa expressão sendo construída de discursividades e não discursividades: o fato psíquico e o agenciamento de enunciação que lhe dá corpo já não são separados. Isso anula as oposições, em um processo de construção e reconstrução de universos de referência, enfraquecendo alguns antagonismos dualistas e percepções bipolares como certo ou errado, o que começa a gerar uma realidade multipolar. A desconstrução dessas noções podem ser percebidas em diversos momentos das duas entrevistas, quando indicam que não há caminho pronto, como quando Vicente explica que *“ninguém diz: eu estou te ensinando”*, seguido de *“nós estamos conversando, todo mundo, e estamos aprendendo por consequência”*.

A questão aqui tem a ver com a forma como essa comunicação é facilitada pela rede que lhe dá suporte e como essa rede se comporta. Existe uma pauta *on-line* permanente de



questões da Casa que precisam ser revistas, pensadas, melhoradas. A pauta da reunião é definida no momento em que acontece e se baseia na pauta *on-line*. Alguns participantes trazem temas que tiveram encaminhamentos, para que todos fiquem sabendo, e alguns mais recebem informações, às vezes adicionando ideias, percepções, às vezes concordando, e em outras, somente escutando.

As tarefas são autodeterminadas por quem tiver interesse em cumpri-la. Nesse sentido, Sandra diz que as atividades são realizadas por “*afinidade à função*”. Como exemplo, ela explica que, sendo jornalista, ela redige releases que são enviados à imprensa. Vicente também menciona que “*a participação é das pessoas que se sentem a fim de falar*”. Essa prática pode ser percebida como uma forma de autogestão de viés alternativo, como proposto por Mothé (2009). Entendida dessa forma, a autogestão é a tentativa de materializar em espaços circunscritos a superação da distinção entre a tomada de decisão e sua execução, como um modelo de ação coletiva que se forma no aqui e agora, nas relações práticas do cotidiano. Em função dessa forma de organização, nota-se que todos os participantes buscam entender como é o funcionamento de cada parte da cadeia, e por isso, todos explicam detalhadamente as funções que estão realizando ou as ideias que têm, na busca de uma horizontalidade de todas as fases do processo, seja de comunicação, seja de manutenção do espaço.

Nesse sentido, retomam-se as ideias de adaptação e auto-organização trazidas por Recuero (2014), destacando que essas dinâmicas acontecem através da interação e da comunicação, o que exige a circularidade das informações para que os processos sociais coletivos continuem funcionando.

Os fluxos de comunicação acontecem em várias direções. As ideias surgem incessantemente, sendo absorvidas a partir da continuidade delas, complementadas com as ideias que vem em seguida. É perceptível, porém, que, em alguns assuntos (como os econômicos), ela acontece no sentido de quem faz – logo, sabe como funciona e tem acesso às informações – para quem está mais distante dessas informações. Essa distância também é dada por decisão individual e se relaciona mais com a prática e presença frequente no espaço, já que muitos assuntos que são debatidos no encontro presencial foram iniciados ou tiveram desdobramentos no virtual. Assim, a partir da percepção de Sandra de que “*há uma equivalência quase total*” entre o envolvimento dos indivíduos com a interação virtual e a participação na produção efetivamente, percebe-se a existência de conectores (BARABÁSI, 2009), isto é, nós que têm grande quantidade de conexões e assim tecem e sustentam a sociedade em questão, já que estabelecem contatos, juntam atores de diferentes contextos.

Percebeu-se, através da observação da reunião e da parte exploratória da pesquisa que os conectores, entre os associados, são justamente essas pessoas que estão mais presentes no funcionamento cotidiano da Casa, como os associados que participam do *coworking*, numa aproximação entre decisão e execução das tarefas (ALBUQUERQUE, 2003) que facilita a percepção do potencial de conexão entre iniciativas distintas. É preciso lembrar que a delimitação da rede de produtores da Paralela como os participantes da Associação acontece para fins de pesquisa, mas, na prática, ela não permanece restrita aos associados. Desse modo, percebe-se a maioria dos associados como conectores, alguns mais do que outros. As pessoas que fazem parte da Associação já participavam da movimentação há algum tempo e têm ciência de que o objetivo da formalização das experiências que acontecem ali é criar condições cada vez mais fluidas para a realização das atividades, e então, em um movimento colaborativo, estabelecem conexões não só para seus projetos pessoais, mas para todo tipo de situação que envolve o funcionamento do espaço, levando em conta os aspectos criativos, econômicos e existenciais coletivos já citados. A quantidade de processos cooperativos mais do que processos competitivos ou conflitivos é fundamental para a criação e manutenção de uma rede (RECUERO, 2014), o que se confirma pela observação da reunião, em que não se destacou nenhum momento de competição e/ou conflito, e muitos momentos de cooperação – lembrando das limitações da técnica de observação, em que não se pode perceber todas as nuances das situações.

Nesse sentido, Lévy (1998) diz que o objetivo da democracia em tempo real, que ele diz ser a forma de organização política criada no espaço do saber, é estabelecer conexões pertinentes de forma rápida e com custo baixo. A observação da reunião demonstrou a facilidade de conexão possibilitada pela rede social que se cria, tanto virtualmente, quanto no espaço físico, real. O *coworking*, segundo Leforestier (2009), demonstra que as interações *on-line* podem se traduzir em interações face-a-face, criando uma rede social no espaço de encontro. Essa rede social no espaço de encontro cria conexões que podem ser observadas na reunião, como quando surgiu a ideia da realização de um evento de futebol, que precisaria acontecer em algum espaço aberto, como um sítio. Um dos associados presentes, membro da Antro Produções, mencionou que um sítio onde, no dia seguinte, aconteceriam shows de bandas da cidade (no qual a Paralela não teve envolvimento direto) pertence à irmã de uma pessoa que trabalha com ele na produtora, então seria “só subir as escadas e falar”. Vicente diz que a aproximação também geográfica (já que “*virtualmente estamos próximos de qualquer coisa*”) favorece a formação da rede, pois possibilita “*conversas, encontros, papo meio cotidiano*”, o que os “*auto-abastece de ideias*” que gera um “*movimento meio mútuo*”

em que *“trocam-se experiências, seja on-line ou na vida real e amanhã a gente já tá planejando um projeto junto”*.

Ele ainda diz que *“na forma digital, ela passa um pouco pela mesma linha, só que virtualmente”*, retomando a noção de que o fluxo de comunicação é contínuo e o virtual compõe a comunicação não como um aspecto à parte, mas como mais um elemento.

### **4.3.2 Meio virtual**

Lévy (1998) afirma que o crescimento dos usuários de comunicação digital leva a um cenário de nomadismo, a uma desterritorialização gerada pelo movimento das paisagens científica, mental, profissional, econômica. Essa paisagem fluida compõe o cenário existente na ACP, ao qual se soma uma valorização das produções locais, sendo elas um dos principais motivos do próprio surgimento do espaço. As conexões virtuais que se mantêm constantemente muitas vezes são materializadas em atividades, como, explica Vicente, no caso da Honey Bomb, que trabalha com bandas de fora e estabelece intercâmbios de artistas com outras produtoras como a Balaclava, de São Paulo. A esse cenário, acrescenta-se a percepção de Guattari (2001) de que essa desterritorialização acontece no deslocamento de sistemas e pólos de valorização, em que se criam nacionalidades desterritorializantes, como é o caso da música. Esse processo, segundo o autor, acontece de forma brutal e suave, criando um movimento construtivo.

A partir disso, pode-se pensar que a valorização da produção local, explicitando a diversidade e riqueza presente, e a conexão com diversos outros grupos ou indivíduos que compartilham dessas “nacionalidades desterritorializantes” contribui para o caráter brutal e suave descrito. A diferença e diversidade são valorizadas tanto no âmbito local, percebida pela variedade de atividades realizadas no espaço e pela intenção dos associados em agregar atividades diversas – mencionadas em vários momentos das entrevistas –, quanto na absorção de culturas de outros lugares, que se manifesta nas parcerias/conexões estabelecidas com ajuda do meio virtual e pela hospedagem solidária para artistas e produtores de fora da cidade. Assim, a valorização passa a se dar na própria diferença, como observado pela maioria dos autores estudados.

Nesse contexto, as mensagens digitais ajudam a compor esse cenário de diferença, na medida em que funcionam como “o absoluto da montagem” (LÉVY, 1998), ao juntar, em partes, a sensibilidade das mensagens somáticas, que podem se adaptar à medida que acontecem, com a potência de gravação e difusão midiática, permitindo uma recomposição

constante de fatores em tempo real. Na lógica de rede, o valor também está nos circuitos de deslocamento possíveis e pela posição em que se ocupa, a qual se modifica constantemente, fazendo com que cada “peça” (em analogia ao jogo de xadrez) tenha um valor diferencial (Rodrigues, 2001).

O uso da internet durante a reunião é constante. Ela é utilizada com vários fins, como para acessar a pauta permanente, para interações que envolvem ou não a reunião, para ouvir as músicas de uma banda que pediu para tocar na Casa. Assim, a linguagem digital permeia quase todas as interações entre os associados, que desenvolvem junto a elas suas capacidades cognitivas, organizacionais e criativas já adaptadas ao “complemento desorganizador: a conexão transversal” (LÉVY, 1998, p. 72), que se compõe e recompõe o tempo todo. A experimentação foi citada pelos dois entrevistados como uma característica do espaço, podendo ser relacionada a essa mobilidade dos fatores. Assim, os participantes não mais resolvem os contrários (GUATTARI, 2001), pois é justamente nesse ponto que está o valor. Isso gera um processo de ressingularização que contribui para a constituição de “gruposujeitos auto-referentes”, que, desterritorializados, podem criar “cadeias discursivas conectadas com o referente” (GUATTARI, 2001, p. 45).

Esses fatores podem ser considerados condições para o desenvolvimento de autonomia e empatia. A rede social facilita a interação, a construção colaborativa, a produção de inteligência coletiva, mas, por si só, ela não é capaz de criar esses cenários: é preciso que as pessoas sintam essas condições em si, que acontece na valorização da diferença, para então sentirem-se aptas a expressar suas subjetividades. Sandra diz que na Associação “*cada um tem uma função que é muito valorizada dentro do outro*” e destaca que “*as pessoas já se reconhecem e se entendem como seres diferentes e aceitáveis*”.

Como continuidade das interações presenciais, as interações no meio virtual funcionam praticamente como ferramenta de trabalho para os produtores e artistas envolvidos. Sandra diz que “*a rede social funciona pra gente, hoje, de uma forma funcional e estrutural*”, já que a pré-organização dos eventos é quase toda feita por ali. Observou-se, também, que um membro da Associação que não pode estar presente enviou alguns assuntos que precisavam ser debatidos através do grupo fechado do Facebook. Rodrigues (2001) destaca o paradoxo das formas de sociabilidade reticular, em que as relações são tanto mais diretas, quanto mais mediatizadas forem, situação que pode ser percebida na Paralela. Essas mediações, segundo Lévy (1998), acontecem de forma mais imanente por ocorrer através de uma ferramenta eletrônica, que reduz a deformação do enunciado e recalcula constantemente o “discurso-paisagem” do grupo.

As interações que acontecem entre os associados pelo grupo fechado do Facebook, conforme descrito pelos entrevistados, são majoritariamente de tipo mútuo, já que envolvem negociações, levam em conta a interpretação da mensagem, além de considerar “uma complexidade global de comportamentos” (PRIMO, 2000, p. 8). Ambos entrevistados destacaram que algumas decisões são tomadas via rede social. Ao contrário do que se pode imaginar, Vicente afirma que as decisões mais complexas passam por uma decisão virtual, já que “*ali todo mundo tem condição de ver e saber o que está acontecendo*”, já que fica registrado para além de uma reunião, enquanto as mais simples nem sempre chegam a ser discutidas formalmente, mas estão no campo das situações que “*todo mundo sabe, e foi sendo dito*”, como ele dá o exemplo do aumento da banda larga, melhoria que todos estão cientes da necessidade por ser contratada coletivamente, e para a qual já havia orçamento previsto (disponível no Portal da Transparência), dispensando a comunicação com os associados.

Além disso, Vicente destaca que alguns projetos são colocados no grupo de forma ainda “*meio abstrata*”, depois são feitas reuniões que tratam do mesmo assunto e, por fim, ele pode retornar para o espaço virtual de forma mais definida, quando surgem novas opiniões ou “*considerações finais*” sobre como as coisas devem ser feitas. Esse processo, de modo específico, pode ser caracterizado como a produção de uma inteligência coletiva segundo a ideia de Lévy (1998), baseada na valorização da diversidade das qualidades humanas.

Pode-se perceber que todos os associados utilizam com bastante frequência as tecnologias digitais. A quantidade de dispositivos de comunicação virtual na reunião era maior do que a quantidade de pessoas (nove dispositivos – entre PCs, notebooks e smartphones – para sete participantes).

Também nesse sentido, observou-se um momento, que perdurou por minutos, de silêncio durante a reunião, em que cinco pessoas estavam sentadas em círculo, todas elas envolvidas com algum tipo de interação através de dispositivos digitais. Em alguns casos observados, os contatos que aconteciam naquele momento eram no sentido de contribuir com algum assunto em pauta, estabelecendo conexões que extrapolavam a rede dos associados, mas não é possível dizer em que tipo de atividade eles estavam envolvidos naquele momento. Nesse sentido, abrem-se possibilidades de investigação do caráter das relações – no sentido de vínculos fortes ou fracos, por exemplo – que são estabelecidas nesse espaço da Casa Paralela, que é tanto presencial, quanto virtual.

### **4.3.3 Prática/conteúdo**

Guattari (2001) fala sobre um paradoxo da sociedade contemporânea: a incapacidade de grupos e indivíduos se apropriarem do alto grau de desenvolvimento das tecnologias, capazes de solucionar problemas sociais e ecológicos, equilibrando os desequilíbrios existentes na sociedade. Enquanto isso, Lévy (1998) destaca que o centro do funcionamento social no espaço do saber é a inteligência humana e o *savor-faire* (saber fazer). Assim, buscam-se analisar quais são e como os valores e as práticas da ACP contribuem para a comunicação e a produção de subjetividade em rede, fazendo o caminho inverso de análise, na busca de várias perspectivas.

As novas formas de sociabilidade e comunicação em rede, ao mesmo tempo em que permitem, solicitam a criação de novas formas de expressão e tradução da vida humana. O deslocamento de valores já mencionado está no foco dessa discussão.

Chama atenção, tanto nas entrevistas quanto na observação, a ausência de regras em diversos âmbitos do funcionamento da Casa. Termos como “empírico” “depende” “não tem um padrão” “é relativo” foram citados dezesseis vezes nas entrevistas. Segundo Vicente, o empirismo é, inclusive, “um pilar da Casa, a experimentação faz parte do DNA dela”. Nota-se uma importância muito grande dada à liberdade de criação que há tanto no espaço, quanto na produção em rede que acontece entre os associados. O *coworking* e as ideias da economia criativa surgem, então, como forma de gerar condições para a manifestação dessa criatividade.

O *coworking*, como já discutido, não se resume ao desenvolvimento de projetos pessoais, já que envolve um grupo de pessoas que compartilham o mesmo espaço. Assim, a partir do ímpeto subjetivo da vontade artística de cada indivíduo e de cada grupo, surgem novas demandas de comunicação e organização. Com o intuito de suprir essas demandas, as redes se formam em várias escalas e não são circunscritas – elas se interpenetram. Cada coletivo é uma micro-rede que estabelece inúmeras conexões para além do espaço da Casa, formando parcerias e conexões com diferentes artistas, produtores, coletivos e públicos; o *coworking* e a Associação contribuem na formação de uma rede de sustentação, principalmente econômica e infra estrutural, servindo como espaço para atuação das iniciativas e experimentação das ideias; ainda há a rede Casa Paralela, que ultrapassa os membros da Associação e é formada por diversos indivíduos e coletivos, para a qual não se está olhando nessa pesquisa, mas que é fundamental para a existência da rede que se forma entre os produtores, já que ela é o motivo pelo qual a rede em questão existe.

As redes de cooperação solidária contribuem para compreender as estratégias de atuação do espaço, que são fundamentais para gerar comunicação em rede. Segundo as ideias de Mance (2003, p. 222), elas necessitam de quatro movimentos no sentido de “remontar de

maneira solidária a cadeia produtiva”. O primeiro é a produção interna do que ela consome, que no caso da Associação pode ser percebido em alguns âmbitos, como na troca de serviços – como exemplo, pode-se citar a captação em vídeo pela Antro Produções de um show da banda Cuscobayo, produzido pela Tédio, que dará origem a um documentário justamente sobre a relação entre artista, público e espaço. As três iniciativas têm alguns membros que fazem parte da Associação e outros tantos que não fazem.

A segunda é a tentativa de manter o capital circulando dentro da rede. Nesse sentido, a forma como o espaço surge, a relação de proximidade entre os membros, a experimentação e a colaboração contribuem na criação de um espaço de aprendizado e de apoio mútuos, que é exposto por Vicente, quando diz que “*o fracasso de um, de certa forma, é o dos outros*” e “*a gente sabe quão circular é o dinheiro aqui*”. Essa busca por uma circularidade do capital acontece de maneiras distintas: tanto na contratação mais direta do serviço de alguém – como, por exemplo, de um associado que faz trabalhos em madeira e colabora com estruturas necessárias em alguns eventos –, quanto na conexão estabelecida entre pessoas que têm interesses próximos. Destaca-se, aqui, o papel dos conectores, que funcionam como atalhos para que essas conexões se realizem, estabelecendo ligações que tornam pertinentes as atividades realizadas pelas pessoas.

A terceira é a criação de trabalho e distribuição de renda a partir do surgimento de novas iniciativas. É importante lembrar que o fomento à economia criativa e à criação artística estão entre os objetivos da própria Associação, e se confirmam tanto pela experiência de observação da pesquisadora junto à Casa, anterior à pesquisa, quanto nas duas entrevistas.

A quarta, enfim, é a construção de condições econômicas aos atores, a fim de garantir as liberdades públicas e privadas, que aparece como uma função importante do espaço. A criação de autonomia econômica pode ser percebida pela sucessiva dedicação em tempo integral dos participantes aos projetos/coletivos aos quais se dedicam. Na sociedade capitalista, o condicionante econômico acaba determinando muitos caminhos “escolhidos” pelos indivíduos. Assim, a Paralela fornece condições materiais para a sobrevivência que vão ao encontro dos valores existenciais e de desejo, como propõe Guattari (2001).

Seguindo essa perspectiva, e pensando nos objetivos da Associação, a rede funciona também como forma de criar condições para a produção e expressão da subjetividade de quem dela participa e do público que frequenta o espaço. Guattari (2001) diz que a subjetividade é o conjunto de condições para que indivíduos ou grupos se desenvolvam como território existencial autorreferente em uma relação que tangencia a subjetividade dos outros seres. O autor propõe, a partir do deslocamento para um paradigma ético-estético, a promoção

de dispositivos capazes de produzir subjetividade, que acontecem em composição com aspectos técnicos.

Nesse sentido, destacam-se nas entrevistas enunciados que se referem à prática, que aparecem em doze situações, em trechos mencionados por Vicente “*todo mundo sabia que precisava, alguém foi lá e fez*”, “*as coisas não saem da pauta enquanto ninguém tomar frente*”, “*a galera entende a prioridade, a urgência, e se agiliza*”, “*a gente vai pegar o que a gente acha que é razoável de modelos antigos, vai misturar com empirismo e vai fazer*” e por Sandra “*lugar onde esses preceitos básicos da cultura democrática e acessível são aplicados funcionalmente*”. Essa relação prática é percebida na produção artística e na gestão do espaço e acontece com base em construções coletivas, autorais, horizontais, colaborativas. Dessa forma, a abertura desse espaço físico e virtual de comunicação e criação pode ser vista como um agenciamento coletivo de enunciação, que compreende uma matéria heterogênea de vetores (indivíduos, coletivos, máquinas, elementos estéticos, biológicos, etc.) e cria condição à existência e à expressão das singularidades que a formam (GUATTARI, 2001).

Lévy (1998) diz que o problema político se desloca de lugar na contemporaneidade. Ao invés de tomar o poder, a questão agora é aumentar as potências do povo e a busca é por um povo em potência, em gestação, e não soberano, fetichizado. Guattari (2001) destaca que vive-se um processo de retomada de confiança, que acontece nos “meios mais minúsculos”, como é o caso estudado.

A partir da experiência da pesquisadora com o espaço, percebe-se que bandas, publicações impressas, além de inúmeros projetos mais efêmeros, já nasceram no local. Os dois entrevistados pensam que a Casa contribui dessa forma “*pelo fato de representar a possibilidade de fazer*”, nas palavras de Vicente, além de possibilitar o encontro e interação. Vicente também destaca a importância de “*criar pertinência para que as coisas estejam acontecendo e não seja só a iniciativa daquele grupo ou daquele artista, que seja uma coisa maior que isso*”. Esse movimento integra artista, produtor e público em uma rede interdependente, fazendo com que se diluam em uma coisa só, o que retoma a ideia de prossumidor. Vicente diz que todos se misturam e “*alguns estão artistas e estão produtores*”, além de que “*todo mundo é público e depois a gente vê o que a gente é em determinada situação*”. Essa união de pessoas que se relacionam com o mundo em “abertura processual” (GUATTARI, 2001) é a matéria-prima para a sustentação da rede, em um processo de retroalimentação que se propaga e agrega pessoas e coletivos à medida que a possibilidade de exercer a singularidade incentiva a promoção da liberdade de outras pessoas (MANCINI, 2003).



A Casa busca incentivar e agregar diferentes iniciativas, que possam criar uma “nova mentalidade de entretenimento” (expressão mencionada na reunião), levando em conta o contexto de Caxias do Sul, em que o encontro e lazer acontecia majoritariamente em espaços de festa ou bar. Percebeu-se, nas entrevistas e na observação, que esse processo de abertura às iniciativas não é totalmente desvinculado de uma seleção por parte dos associados. Esse direcionamento das atividades que ocorrem no espaço acontece em uma identificação baseada em valores e ideais que guiam a atuação da casa. Alguns valores identificados nas entrevistas foram: respeito, liberdade, humanidade, criatividade, democracia, colaboração, despreensão, igualdade, humildade, coletividade, solidariedade. Vicente destaca que a Casa tem “*uma maneira de disseminar sua visão de mundo e isso se reflete muito nos materiais [gráficos]*” de divulgação, o que nos permite identificar que existem aspectos não discursivos da comunicação que interliga pessoas com interesses e desejos em comum.

#### **4.3.4 Impressões sobre o ambiente**

“Tu muda um sofá de lugar e ele fica ali um mês, e disso já surge um novo rolê”. Essa frase foi dita por um dos membros da Associação durante a reunião e introduz uma ideia da dinâmica com que os diversos vetores do agenciamento coletivo de enunciação se modificam, compondo e recompondo a paisagem constantemente. Indivíduos, coletivos, o espaço físico da Casa, as conexões/parcerias com coletivos de fora, espaço virtual, dispositivos de produção e difusão de conteúdo (um dos associados, perguntado sobre quem poderia tocar em determinado evento, responde que seria o DJ pen drive), a composição entre diferentes pontos da rede em cada projeto são apenas alguns dos múltiplos fatores que criam esse espaço de produção e expressão de subjetividades. É uma composição que não acontece de forma premeditada e está em constante mutação, o que se destaca quando Vicente diz que “*a única coisa que dá pra dizer com certeza é que ela é uma casa, são duas, né*”.

A atualização dos fatores acontece de forma acelerada, o que se destaca na reunião, ao mencionarem a construção de um regimento interno do espaço, ainda inexistente, que seria disponibilizado no Google Drive para ser “eternamente atualizado”, já que as formas de utilização do espaço e as pessoas presentes mudam frequentemente.

Nesse sentido, a noção de organicidade dos grupos, trazida por Lévy (1998), diz que ela depende da proximidade de seus membros, que carregam na relação de cada um com todos os fundamentos organizadores, e não como uma regra fixa, reificada. Costa (2008), pensando em atividades subjetivas, vê a inteligência coletiva como um processo que emerge

da construção de si, a qual só é possível em composição com outras pessoas. O autor a descreve como uma “consciência *no* indivíduo de sua rede de sustentação subjetiva” (COSTA, 2008, p. 67), que se funda em confiança, afetos e, assim, forma redes e comunidades.

A partir disso, percebe-se a relação de amizade e cumplicidade existente entre os associados, que, ao fim da reunião, saíram juntos para um show que ocorria em outro espaço, quando um deles mencionou que “a reunião é eterna”. Essas relações também foram mencionadas em ambas entrevistas. Pela experiência com o espaço, percebe-se que há uma reciprocidade que se auto-alimenta na empolgação com o cenário criado, que surge a partir da “mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1998, p. 29) e no movimento de ressingularização dos indivíduos e coletivos.

Essa construção de coletivos e cidades inteligentes é pensada por Lévy (1998), que descreve suas fases: escuta, expressão, decisão, avaliação, organização, conexão e visão global. A Paralela torna-se elemento importante na constituição desses espaços principalmente na quinta e sexta fases, de organização e conexão. A organização precisa absorver claramente todas as fases anteriores para que funcione de forma eficiente, já que elas vão deixar explícitas as singularidades de cada ponto/indivíduo/coletivo envolvido no processo, o que se desenvolve no fluxo ininterrupto de informações. Esse fluxo pode ser percebido pelas explicações detalhadas das atividades que as pessoas estavam realizando, às vezes seguidas de perguntas dos outros membros, criando uma comunicação efetiva, esclarecedora. A rede social na internet contribui amplamente com esse fluxo ininterrupto de informações, no qual se destaca o chat, que visa à dinamicidade da comunicação. A Paralela funciona como organizadora no momento em que reagrupa forças e competências, unindo indivíduos e coletivos de diferentes áreas, além de contribuir na identificação de centros de competência e recursos na medida em que promove conexões entre os atores. Essas fases levam à visão global, movimento que Lévy descreve como “ato de ver, eclosão de uma visão coletiva, visão de si em devir” (LÉVY, 1998, p. 73) e pode ser percebido pela capacidade de articulação, de adaptação e de auto-organização da rede em questão.

A proposta de mudança de um paradigma científico para um paradigma ético-estético de Guattari (2001) provoca a observação e análise de aspectos subjetivos, que se encontram em campos transitórios de significação e composição. As dinâmicas da Associação Cultural Paralela funcionam em alinhamento com essas ideias, tornando perceptível a composição entre os movimentos objetivos – no sentido prático dos trabalhos realizados – e os fluxos de

comunicação e relação não discursivos, estéticos, criativos, afetivos, que geram uma atmosfera de aceitação das diferenças e de efervescência criativa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como impulso gerador os questionamentos: como a Associação Cultural Paralela se comunica para propagar a existência da rede que se forma? Como a rede contribui para a produção de subjetividades dos indivíduos e coletivos envolvidos?

A partir disso, foram estudadas formas de organização aplicadas pela Associação com a finalidade de compreender onde se manifesta a estrutura de rede e em que valores são baseadas. Pode-se perceber a grande relação entre a gestão do espaço e as formas de comunicação, que acontecem na conjunção entre estruturas virtuais e organizacionais/físicas. A grande frequência de comunicação entre os associados, possibilitada pelo fluxo ininterrupto das mensagens – que acontecem no encontro frequente no espaço de trabalho, no encontro informal durante as atividades que ocorrem na Casa e na existência do grupo e do chat no Facebook – faz com que as informações estejam disponíveis mesmo para os associados que participam com menor intensidade das atividades, o que sustenta a tomada de decisão horizontal. Essa horizontalidade é reforçada pela forma como o espaço é gerenciado, em uma experiência de autogestão, que aproxima as decisões de quem as executa. A comunicação aberta e entre todos os membros participantes simultaneamente possibilita o desenvolvimento de confiança e de reciprocidade, o que dá origem a laços sociais que extrapolam as relações de trabalho.

A partir da identificação de um cenário alternativo e em fase de transição, que se forma pelas condições já descritas, busca-se compreender as ideias de produção de subjetividades de Guattari (2001) e de inteligência coletiva de Lévy (1998), que surgem e se desenvolvem junto às tecnologias digitais de comunicação. Em alguns pontos são feitas aproximações e, em outros, distanciamentos entre os dois autores, buscando compreender o caso estudado.

Assim, conclui-se que o processo de comunicação, produção e formação de redes que ocorre na ACP se baseia no deslocamento de valores em curso, na valorização da diversidade das qualidades humanas (LÉVY, 1998), incentivando o desenvolvimento de singularidades e a produção de subjetividade de indivíduos e coletivos. Essa valorização é percebida pelo caráter experimental das atividades, pela inexistência de regras em diversos âmbitos e pela auto-organização que se estabelece na composição e recomposição contínua de fatores. A mobilidade é percebida na tomada de decisões e no processo de produção das atividades realizadas pela Casa, e acompanham a dinâmica das mensagens digitais.

A reconquista da confiança que acontece no processo de ressingularização mobiliza o desenvolvimento efetivo das competências e dá origem a coletivos inteligentes. Esses coletivos se apropriam das tecnologias de forma autônoma, em um processo de aprendizagem conjunta que, em composição com a técnica, gera processos transformadores.

Em um movimento de retroalimentação, esses indivíduos e coletivos (que integram artista-produtor-público) formam a própria Casa Paralela, onde são desenvolvidas condições para expressão e tradução das subjetividades ali criadas, o que indica sua função de agenciamento coletivo de enunciação (GUATTARI, 2001). Além disso, há diversos agenciamentos que se formam em menor escala, na composição singular entre coletivos, sujeitos, ideias, condições, etc.. Essas composições podem, inclusive, ser formadas pelos mesmos fatores, porém articuladas de formas distintas, dando origem a novas formas de expressão. Essa recombinação constante dá origem a uma atmosfera criativa e propositiva de experimentação, que faz emergir novas formas de relação social.

A possibilidade de expressão das singularidades e a pertinência que elas passam a ter dentro de uma rede de cooperação solidária (MANCINI, 2003) incentivam outras pessoas a se expressarem. Deste modo desenvolve-se também a inteligência coletiva (LÉVY, 1998), já que “o outro” passa a ser alguém que sabe, e que sabe coisas que “eu” não sei, tornando-se uma potência de enriquecimento dos saberes de ambos e abrindo caminho para o estabelecimento de novas conexões, que acontecem em um processo colaborativo e contam com a existência de conectores.

Percebe-se a existência de uma fase de transição entre o paradigma científico e o paradigma ético-estético proposto por Guattari. A Paralela funciona, nesse cenário, como fornecedora de condições para a produção de subjetividades, visando à construção de uma cidade mais diversa e de uma práxis que crie um espaço habitável para projetos humanos (GUATTARI, 2001), que se baseia em tecnologias e sociabilidades reticulares.

O amplo acesso dos atores envolvidos a tecnologias digitais de comunicação é um facilitador, assim como o seu uso voltado para finalidades estrategicamente pensadas de formação de redes, em que se percebe a superação da possível apropriação da inteligência coletiva pelo capitalismo cognitivo, como aponta Costa (2008), já que essas redes criam condições não só econômicas, mas, principalmente, subjetivas de existência. A rede digital funciona como instrumento organizacional e cognitivo para formar redes sociais que se manifestam no espaço virtual e no espaço físico. Os projetos envolvidos com o espaço são, simultaneamente, proporcionados e proporcionadores da continuidade da Paralela, sendo ela própria o maior projeto a que busca dar abrigo.

As formas de comunicação e manifestação não são separadas entre gestão e produção artística. Os eventos realizados na Casa são a expressão estética mais completa da rede como agenciamento coletivo de enunciação. Ali, se manifestam formas de estar no mundo, formas de sociabilidade, modalidades econômicas e políticas conjuntamente com aspectos subjetivos de expressão, linguagem, arte.

O processo de desterritorialização que acontece pela inevitável fluidez da paisagem e pelo deslocamento de valores coloca os indivíduos e grupos em posição de poder se reconstruir à medida que as situações se transformam. Partindo disto, cria-se um questionamento que não pode ser respondido nessa pesquisa: será que essa desterritorialização aproxima pessoas cada vez mais parecidas? Assim, também se abrem possibilidades de exploração mais aprofundada sobre o caráter dos vínculos entre os atores – sejam eles indivíduos ou coletivos.

Esses questionamentos se tornam ainda mais pertinentes ao se perceber que as mudanças ocorridas no âmbito da comunicação são, em última instância, produtoras de novas formas de relação social, que são criadas o tempo inteiro em espaços como a Casa Paralela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. **Autogestão**. In: CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 20-26.
- AUMONT, J. **O cinema e a encenação**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARICHELLO, Eugenia M. da R. **Comunicação e Sociabilidades**. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. et al. **Comunicação & Sociabilidades** – Santa Maria : FACOS-UFSM, 2001, 188 p.
- BARBOSA, Pedro. **Harvard Trends – 45 tendências de gestão**. Porto, Portugal: Grupo Editorial Vida econômica, 2012.
- BRETAS, Beatriz. **Remixagens cotidianas: o valor das pessoas comuns nas redes sociais**. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes & MARCHIORI, Marlene. **Redes Sociais, Comunicação, Organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista Brasil Enfermagem : set/out, 2004. Brasília, DF.
- CATTANI, Antonio David (Org.). **A Outra Economia** - Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- COSTA, Alan Q. et. al. **O rompimento do paradigma emissor-receptor e a concepção de prosumer na era da comunicação digital em rede**. PPGCOM - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <[http://ccvap.futuro.usp.br/noticiasfiles/28.05.2013\\_Texto\\_coletivo\\_Versao\\_Preliminar.pdf](http://ccvap.futuro.usp.br/noticiasfiles/28.05.2013_Texto_coletivo_Versao_Preliminar.pdf)>. Acesso em 05 Set. 2015.
- COSTA, Rogério da. **Inteligência coletiva: comunicação, capitalismo cognitivo e micropolítica**. In: **Revista Famecos – Mídia, cultura e tecnologia** / Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. N. 37, dez. 2008 – Porto Alegre.
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. p 62-82
- ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL PARALELA. Caxias do Sul, 2015. 5 p.
- FREIRE, Isa Maria. **A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva**. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 10 n. 2 (jul/dez) 2005. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa qualitativa) 198 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. / 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRARDI, Liráucio Jr.. **Trocas simbólicas e a lógica de redes**. In: **Communicare: revista de pesquisa** / Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero, v. 12, n. 1, 2012. São Paulo.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11. Ed. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. 208 p.

IBGE. Diretoria de Pesquisas – DPE – Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. 2010.

HOWKINS, John. **The creative economy: how people make money from ideas**. London: Penguin Press, 2001.

LEFORESTIER, Anne. **The Co-working space concept**. CINE Term Project, 2009. Disponível em: <[www.iimahd.ernet.in/users/anilg/files/Articles/Co-working%20space.pdf](http://www.iimahd.ernet.in/users/anilg/files/Articles/Co-working%20space.pdf)>. Acesso em: 22 Set. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2000.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.

LOPES, Daniel Barsi. **A importância da pesquisa exploratória na processualidade teórico metodológica da investigação em comunicação**. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa** / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Andriana Bonin, Nísia Martins do Rosário, organizadores. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. 324 p.

MACHADO, Daniela Cristina. **A pesquisa exploratória vista sob outro ângulos**. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa** / Alberto Efendy Maldonado, Jiani Andriana Bonin, Nísia Martins do Rosário, organizadores. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. 324 p.

MACHADO, Rosi Marques. **Da indústria cultural à economia criativa**. In: **Alceu: revista de comunicação, cultura e política**. Rio de Janeiro. Vol. 9, n. 18 (jan./jun. 2009), p. 83-95.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes – A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. CEPAT - Informa, Ano 4, N. 46, p.10-19, dezembro de 1998  
Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, Curitiba, PR. Disponível em: <<http://www.solidarius.net/mance/biblioteca/rede.htm>>. Acesso em: 09 Jul. 2015.

MANCE, Euclides André. **Redes de Colaboração Solidária**. In: **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 219-225

MARIANI, Édio J. **A trajetória de implantação do neoliberalismo**. In: Revista Urutágua. N. 13 ago./set./out./nov. 2013. Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá – Maringá – Paraná – Brasil. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/013/13mariani.pdf>>. Acesso em: 15 Set. 2015.



MOTHÉ, Daniel. **Autogestão**. In: HESPANHA, Pedro et. al. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Editora Almedina Brasil, 2009. p. 26-30

MOTTA, Bruna Seibert. **Prossumidores: o novo papel dos consumidores na era da informação e sua influência na decisão de compra**. – São Paulo, 2014. 218 p. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/11207101/Prossumidores\\_o\\_novo\\_papel\\_dos\\_consumidores\\_na\\_era\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_sua\\_influ%C3%Aancia\\_na\\_decis%C3%A3o\\_de\\_compra](https://www.academia.edu/11207101/Prossumidores_o_novo_papel_dos_consumidores_na_era_da_informa%C3%A7%C3%A3o_e_sua_influ%C3%Aancia_na_decis%C3%A3o_de_compra)>. Acesso em: 27 Set. 2015.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269-279

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes, MARCHIORI, Marlene, org. **Redes sociais, comunicação, organizações**. 1. Ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2012. (Série pensamento e prática; v. 5).

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000, 120 p.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo**. Revista da Famecos, n. 12, jun. 2000. p. 81-92

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014. (Coleção Cibercultura) 2ª/ edição 206 p.

RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA DAS NAÇÕES UNIDAS. São Paulo, 2010. 393 p.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Entrevista sobre economia criativa na Band News**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K86WPm9m9mc>>. Acesso em: 30 Ago. 2015.

RODRIGUES, Adriano D. **Estratégias da Comunicação – Questão comunicacional e formas de sociabilidade**. 3. Ed. Lisboa: Fevereiro, 2001.

SALDANHA, Lucas Krause. **Modelos de negócio no consumo colaborativo: um estudo de múltiplos casos no Rio Grande do Sul**. 89 p. Trabalho de conclusão de curso. Administração, UFRGS, 2014

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs: mutações no relato introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

SOARES, Leonardo Barros, MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades: o que significa?** Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, N. 9, 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html>>. Acesso em: 10 Out. 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 51-61

TAPSCOTT, Don. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2007.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário-mídia: o formador de opinião online no ambiente das mídias sociais**. VI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, São Luís, 2012.

THACKER, Eugene. **Networks, Swarms and Multitudes**. Disponível em: <<http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=422>> (a) (Parte 1) e <> (b) (Parte 2). Publicado em 18/05/2004. Acesso em: 18 Set. 2015.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro, Record, 1980 (7a ed.)

TOLILA, Paul. **Cultura e economia: problemas, hipóteses, pistas**. São Paulo: Iluminuras: Itáú Cultural, 2007.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Revista SOCERJ. Rio de Janeiro, v. 20 (5), 2007.

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Bloch.1968.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 4. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**. Planejamento e métodos. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.